



ACADEMIA MILITAR

O Emprego do Binómio Cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas – Estudo de Caso: República Centro-Africana

Autor: Aspirante de Infantaria João Nuno Gomes da Costa Matos

Orientador: Major de Medicina Veterinária Rafael Mendonça

Coorientador: Capitão de Cavalaria Gilberto Fernandes

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023



ACADEMIA MILITAR

O Emprego do Binómio Cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas – Estudo de Caso: República Centro-Africana

Autor: Aspirante de Infantaria João Nuno Gomes da Costa Matos

Orientador: Major de Medicina Veterinária Rafael Mendonça

Coorientador: Capitão de Cavalaria Gilberto Fernandes

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023

EPÍGRAFE

“Change is the law of life. And those who look only to the past or present
are certain to miss the future.”

John F. Kennedy

DEDICATÓRIA

À minha família pelo apoio incondicional.
Aos meus amigos que me acompanharam nesta jornada.
A todos vós, o meu sincero obrigado!

AGRADECIMENTOS

A presente investigação culmina com o último ano do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria, que, desde 2017, marcou a minha vida pessoal e breve carreira militar. Importa, neste momento, demonstrar a minha gratidão a todos aqueles que me ajudaram nesta longa jornada.

Ao Orientador, Major Rafael Mendonça, e Coorientador, Capitão Gilberto Fernandes, pela sua orientação e disponibilidade que demonstraram durante a condução da presente investigação.

Ao Tenente-Coronel João Polho e ao Capitão Pedro Meneses, que na qualidade de Diretores de Curso, contribuíram decisivamente para a minha formação enquanto futuro subalterno da Arma de Infantaria.

A todos os oficiais, sargentos e praças que, diretamente ou indiretamente, disponibilizaram parte do seu tempo para a realização das entrevistas, que foram essenciais para atingir os objetivos da investigação que defini.

Aos meus camaradas do Curso General Raúl Augusto Esteves, pela partilha de vivências que tanto enriqueceram a minha passagem pela Academia Militar. Destaco o Curso de Infantaria “2021/2022” com os quais enfrentei o maior obstáculo no meu percurso, e que sempre me apoiaram durante esta fase.

Aos bravos Infantes “2022/2023”, por toda a camaradagem, força e amizade que marcaram o Tirocínio para Oficial de Infantaria.

Por fim, um agradecimento especial à minha família, pelo apoio incondicional que oferece perante todos obstáculos que enfrentei nesta longa jornada.

A todos vós,
O meu sincero obrigado!
João Matos

RESUMO

A Cinotecnia no Exército Português é ainda uma especialidade com pouco emprego operacional, em comparação com o que acontece noutras organizações e países da Organização do Tratado do Atlântico Norte que, na atualidade, integram equipas cinotécnicas nas forças que projetam para Teatros de Operações internacionais. A doutrina aplicada ao emprego e integração do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas no Exército Português é inexistente e, conseqüentemente, não existem Técnicas, Táticas e Procedimentos estabelecidos para a atuação das equipas cinotécnicas com forças de assalto. Atualmente, o Exército Português participa na missão internacional da Organização das Nações Unidas na República Centro-Africana, na qual urge entender quais os possíveis contributos da Especialidade Cinotécnica para o cumprimento da missão.

A presente investigação tem como objetivo geral perceber de que modo o Exército Português pode formar e empregar o binómio cinotécnico e integrá-lo numa força de combate para atuar em Áreas Urbanas, nomeadamente no Teatro de Operações da República Centro-Africana. A metodologia adotada na investigação é de natureza qualitativa e o desenho de pesquisa é um estudo de caso. As fontes de recolha de dados consistiram em onze entrevistas semiestruturadas e análise documental.

Os resultados, sugerem que, uma das principais limitações da Cinotecnia diz respeito à falta de experiência operacional desta especialidade no quadro das missões internacionais atribuídas ao Exército Português. Para tal, contribui a falta de efetivo de militares e canídeos que atualmente compõem as unidades cinotécnicas da instituição, assim como, o número reduzido de binómios cinotécnicos que se encontram aptos a operar. No âmbito do Combate em Áreas Urbanas, constatam-se os benefícios do uso de binómios cinotécnicos nesta tipologia de operações, nomeadamente no caso prático do Teatro de Operações da República Centro-Africana.

Em suma, conclui-se que o emprego e integração de equipas cinotécnicas numa força de combate em Áreas Urbanas constitui um efeito multiplicador do Potencial de Combate e uma capacidade não letal que se encontra ao dispor do Comandante, nomeadamente pelas forças nacionais destacadas para a República Centro-Africana.

Palavras-Chave: Cinotecnia, Exército Português, Combate em Áreas Urbanas, República Centro-Africana, OTAN.

ABSTRACT

Cynotechnics in the Portuguese Army is still a specialty with little operational use, when compared to other organizations and North Atlantic Treaty Organization countries that currently integrate canine teams in the forces they deploy to the Theatres of Operations. The doctrine applied to the use and integration of the canine teams in Urban Operations in the Portuguese Army is non-existent, consequently, there are no established Techniques, Tactics and Procedures concerning the employment of canine teams with assault forces. Currently, the Portuguese Army participates in the United Nations international mission in Central African Republic, in which it is urgent to understand the possible contributions of the Cynotechnic Specialty to the fulfilment of the mission.

The present investigation has the general objective of understanding how the Portuguese Army can train and employ the canine team and integrate it into a combat force to fight in Urban Environment, namely in the Theater of Operations of the Central African Republic. The methodology adopted in the investigation is of qualitative nature and the research design is a case study. The data sources used consist of eleven semi-structured interviews and documentary analysis.

The results suggest that one of the main limitations of Cynotechnics concerns the lack of operational experience of this specialty within the framework of the international missions assigned to the Portuguese Army. Contributing to this is the lack of troops and dogs that currently belong to the institution's canine units, as well as the small number of canine teams that are able to operate. Within the scope of Urban Operations, the benefits of using cynotechnical binomials in this type of operations were verified, namely in the practical case of the Theater of Operations of the Central African Republic.

In conclusion, we can conclude that the use and integration of canine teams in a combat force for Urban Operations constitutes a multiplier effect of the Combat Potential and a non-lethal capability that is available to the Commander, namely by the forces deployed to the Central African Republic.

Keywords: Cynotechnics, Portuguese Army, Urban Operations, Central African Republic, NATO.

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE GERAL	vi
ÍNDICE DE FIGURAS	viii
ÍNDICE DE QUADROS	ix
ÍNDICE DE TABELAS	x
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xii
INTRODUÇÃO	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
CAPÍTULO 1 – CÃES MILITARES	5
1.1. Cinotecnia.....	6
1.1.1. Cinotecnia no Exército Português.....	7
1.1.2. Cinotecnia em outras instituições nacionais	9
1.2. Cinotecnia em países OTAN	10
1.3. Síntese Conclusiva.....	14
CAPÍTULO 2 – COMBATE EM ÁREAS URBANAS	15
2.1. Enquadramento Conceptual.....	15
2.2. Combate em Áreas Urbanas na Atualidade	16
CAPÍTULO 3 – TEATRO DE OPERAÇÕES DA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA	18
3.1. Enquadramento Histórico-Militar.....	18
3.2. Ambiente Operacional	19

3.3. MINUSCA – Exército Português	20
PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E TRABALHO DE CAMPO ...	23
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS	23
4.1. Enquadramento.....	23
4.2 Tipo de Abordagem	23
4.3. Modelo de Análise.....	24
4.4. Métodos e técnicas de recolha de dados	25
4.5. Procedimentos de amostragem	26
4.6. Técnicas de tratamento e análise de dados	26
CAPÍTULO 5 – RESULTADOS	28
5.1. Especialidade Cinotécnica no Exército Português.....	28
5.2. Combate em Áreas Urbanas – OTAN e outros.....	30
5.3. Teatro de Operações da República Centro-Africana	33
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
APÊNDICES	I
ANEXOS	XXIV

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 – Estrutura do Trabalho de Investigação.....	4
Figura n.º 2 - Componentes do Potencial de Combate.....	16
Figura n.º 3 – Mapa da RCA.....	19
Figura n.º 4 – Modelo Concetual	I
Figura n.º 5 – Organograma do ModCino.....	XXIV
Figura n.º 6 – Organograma do PelCino	XXIV
Figura n.º 7 – Tarefas Cinotécnicas atribuídas ao Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar.....	XXVI
Figura n.º 8 – Tarefas Primárias e Finalidades das diferentes Tipologias de Operações	XXVII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Identificação das Unidades Cinotécnicas.....	2
Quadro n.º 2 – Especializações dos Binómios	8
Quadro n.º 3 – Vantagens Táticas do Uso do Cão	13
Quadro n.º 4 - Relação entre o objetivo geral e a pergunta de partida com os respetivos objetivos específicos e as perguntas derivadas.....	24
Quadro n.º 5 – Quadro de síntese das vantagens e desvantagens do emprego do binómio cinotécnico no CAU	31
Quadro n.º 6 – Identificação dos Entrevistados	XIV
Quadro n.º 7 – Relação entre as Perguntas Derivadas e as Citações dos Entrevistados	XV

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº 1 – Tarefas Principais da QRF Portuguesa	21
Tabela nº 2 – Enumeração de Tarefas Táticas que o Binómio Cinotécnico pode executar numa Força de Combate	33

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICES:

APÊNDICE A – MODELO CONCRETUAL	I
APÊNDICE B – GUIÃO DE ENTREVISTA A.....	II
APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA B.....	V
APÊNDICE D – GUIÃO DE ENTREVISTA C.....	VIII
APÊNDICE E – GUIÃO DE ENTREVISTA D.....	XI
APÊNDICE F - IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	XIV
APÊNDICE G - QUADRO DE RELAÇÃO ENTRE AS PERGUNTAS DERIVADAS E AS RESPOSTAS ÀS ENTREVISTAS	XV

ANEXOS:

ANEXO A - ORGANOGRAMAS DAS UNIDADES CINOTÉCNICAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS.....	XXIV
ANEXO B - TAREFAS CINOTÉCNICAS ATRIBUÍDAS AO CÃO DE GUERRA E CÃO DE POLÍCIA MILITAR.....	XXV
ANEXO C - TAREFAS PRIMÁRIAS E FINALIDADES DAS DIFERENTES TIPOLOGIAS DE OPERAÇÕES	XXVII

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AO	Ambiente Operacional
AU	Ambiente Urbano
BOAT	Batalhão Operacional Aeroterrestre
CAU	Combate em Áreas Urbanas
CMCD	<i>Centro Militar Canino de la Defensa</i>
CQB	<i>Close quarters battle</i>
CVMC	Clínica Veterinária Militar de Canídeos
EP	Exército Português
EPR	Entidade Primariamente Responsável
EUA	Estados Unidos da América
FAP	Força Aérea Portuguesa
FFAA	Forças Armadas
FND	Força Nacional Destacada
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnico
GNR	Guarda Nacional Republicana
IED	<i>Improvised Explosive Device</i>
ITP	Incidente Tático-Policial
MINUSCA	<i>Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic</i>
ModCino	Módulo Cinotécnico
MWD	<i>Military Working Dog</i>
NCCF	Núcleo Cinotécnico do Corpo de Fuzileiros
OE	Objetivo específico
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OU	Operações Urbanas
PD	Pergunta Derivada
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
PelCino	Pelotão Cinotécnico
PotComb	Potencial de Combate
PP	Pergunta de Partida

QO	Quadro Orgânico
RCA	República Centro-Africana
RL	Regimento de Lanceiros
ROE	<i>Rules of Engagement</i>
RF	<i>Quick Reaction Force</i>
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TN	Território Nacional
TO	Teatro de Operações
TP	Tropas Paraquedistas
TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos
UEC	Unidade Escalão Companhia
UEP	Unidade Escalão Pelotão

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) surge no âmbito da conclusão do ciclo de estudos do Mestrado Integrado de Ciências Militares na especialidade de Infantaria, e é subordinado ao título “O Emprego do Binómio Cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas – Estudo de Caso: República Centro-Africana”.

O foco do trabalho científico é a Especialidade Cinotécnica no Exército Português (EP), a partir da qual, serão analisadas as áreas do Combate em Áreas Urbanas (CAU) e do Teatro de Operações (TO) da República Centro-Africana (RCA). Com base nestas três áreas, é apresentado um estudo de caso que respeita ao emprego do binómio cinotécnico no CAU no TO da RCA.

Atualmente, a PDE 0-20-18 Cães Militares é o instrumento doutrinário que trata da conceção da utilização dos cães militares e de todas as atividades associadas ao seu emprego (Exército Português, 2020). Por outro lado, existe uma lacuna no que respeita ao emprego tático dos cães militares, tanto na especificidade do Combate em Áreas Urbanas em termos de Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP), como na falta de experiência operacional no estrangeiro. No âmbito da projeção de forças para o estrangeiro, o EP nunca incluiu uma equipa cinotécnica numa Força Nacional Destacada (FND) para qualquer TO.

A escolha do presente tema prende-se com as seguintes razões: (1) no quadro das capacidades do EP, urge entender o potencial da especialidade cinotécnica, assim como o seu aproveitamento; (2) no âmbito da Arma de Infantaria, a componente do CAU exige uma adaptação constante das TTP, da qual resulta a pertinência do estudo sobre a integração da Cinotecnia nas unidades de Infantaria; (3) as propostas levantadas por múltiplos TIA em anos anteriores, que apontam que o emprego de cães militares por parte de forças estrangeiras em operações terrestres, representa uma mais valia para o sucesso das suas missões.

É pertinente delimitar o trabalho científico uma vez que “por um lado evita dispersão no estudo de um assunto, e por outro, exige um esforço no sentido da especificação clara do campo da pesquisa.” (Santos et al., 2019, p. 42). Para tal, foram definidos limites temporais e espaciais para a abordagem ao TIA. A nível temporal, a especialidade cinotécnica do EP é analisada desde 1957, data da sua implementação na instituição, até ao ano de 2023, e as missões de combate do EP na RCA dizem respeito ao período entre 2018 e 2022. No que respeita à delimitação espacial, respeitam à investigação as unidades apre-

sentadas no seguinte quadro:

Quadro n.º 1 – Identificação das Unidades Cinotécnicas

Unidades Cinotécnicas	País de origem
Pelotão Cinotécnico / Exército Português	Portugal
Módulo Cinotécnico / Exército Português	
Núcleo Cinotécnico do Corpo de Fuzileiros / Marinha	
Grupo de Intervenção Cinotécnico / Guarda Nacional Republicana	
<i>102 MWD Squadron / British Army</i>	Reino Unido
<i>132e Régiment d'Infanterie Cynotechnique / Armée de terre</i>	França
<i>Centro Militar Canino de la Defensa / Ministerio de Defensa</i>	Espanha

Fonte: Elaboração própria

Uma vez realizada a apresentação e justificação para a escolha do tema, assim como a delimitação para a abordagem realizada, é pertinente apresentar os objetivos gerais e específicos que orientam o presente trabalho, assim como a pergunta de partida (PP) e as perguntas derivadas (PD).

Numa primeira fase, importa referir qual é o objetivo geral da investigação, dado que permite esclarecer o assunto em questão (Marconi & Lakatos, 1990). O objetivo geral (OG) da investigação é **“Perceber de que modo o Exército Português pode formar e empregar o binómio cinotécnico e integrá-lo numa força de combate para atuar em Áreas Urbanas, nomeadamente no Teatro de Operações da República Centro-Africana”**.

Numa segunda fase, definiram-se os objetivos específicos (OE) que concorrem para o OG, da qual resultaram os seguintes:

OE₁ – Identificar as capacidades e limitações da cinotecnia no Exército Português;

OE₂ – Estudar o emprego da cinotecnia no Combate em Áreas Urbanas por parte de outros países e organizações;

OE₃ – Estudar a possibilidade de emprego do binómio cinotécnico na República

Centro-Africana;

OE₄ – Reunir um conjunto de práticas e procedimentos com vista à utilização futura por parte do Exército Português.

Numa terceira fase, delineou-se a PP que pretende ser clara, exequível e pertinente, e que contribua para atingir os objetivos de investigação anteriormente mencionados: “**De que forma a cinotecnia no Exército Português pode formar, integrar e empregar o binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas e na República Centro-Africana?**”. A fim de responder à PP formularam-se as seguintes PD:

PD₁ – Quais as funções e missões atribuídas à cinotecnia no Exército Português?

PD₂ – Quais as limitações do Exército Português no que respeita à doutrina aplicada ao emprego de Cães Militares no Combate em Áreas Urbanas?

PD₃ – De que modo o binómio cinotécnico é utilizado para o Combate em Áreas Urbanas em outros países e organizações?

PD₄ – Quais as vantagens e limitações do emprego do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas na República Centro-Africana?

PD₅ – Como pode o Exército Português potencializar o uso do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas?

A estrutura definida para a apresentação do presente trabalho científico encontra-se dividida em duas partes. A *Parte I* trata do Enquadramento Teórico, no qual se incluem três capítulos dedicados às três áreas de investigação do tema em questão: 1) Cães Militares; 2) Combate em Áreas Urbanas e 3) Teatro de Operações da República Centro-Africana. A *Parte II* engloba o Enquadramento Metodológico e o Trabalho de Campo, que por sua vez se subdivide em dois capítulos: 4) Metodologia, Métodos e Materiais e 5) Resultados. Posteriormente, são apresentadas as Conclusões, Limitações e Recomendações, assim como a parte pós-textual, no qual se encontram os apêndices e anexos do presente TIA.

Trabalho de Investigação Aplicada					
Introdução	Parte I – Enquadramento Teórico	<u>Capítulo 1</u> Cães Militares <u>Capítulo 2</u> Combate em Áreas Urbanas <u>Capítulo 3</u> Teatro de Operações da República Centro-Africana	Parte II – Enquadramento Metodológico e Trabalho de Campo	<u>Capítulo 4</u> Metodologia, Métodos e Materiais <u>Capítulo 5</u> Resultados Conclusões, Limitações e Recomendações	Parte Pós-textual – Apêndices & Anexos

Figura n.º 1 – Estrutura do Trabalho de Investigação

Fonte: Elaboração própria

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – CÃES MILITARES

“Ele possui a beleza sem vaidade, a força sem insolência, a coragem sem ferocidade. Todas as virtudes do Homem sem os seus vícios.”

Lord Byron

Um Cão Militar é um “cão treinado para servir no campo de batalha” (Dictionary, 2002). No que ao seu emprego diz respeito, desde o ano 2300 AC que há exércitos que utilizam Cães Militares para fins bélicos. Contudo, foi no “Século XX que o emprego de cães, para fins militares conheceu a sua maior expansão” (Exército Português [EP], 2020, p. 13). No século XX, assistiu-se à utilização de Cães Militares na 1ª e 2ª Guerras Mundiais, por parte de países europeus, como na Guerra do Golfo¹, integrados nas forças norte-americanas (US Army, 2005).

Atualmente, existem milhares de Cães Militares, também denominados de *Military Working Dogs* (MWD), a operar em todo o mundo. Apesar dos avanços tecnológicos e do constante desenvolvimento de sistemas de armas mais letais, os Cães Militares continuam a constituir um multiplicador do Potencial de Combate (PotComb) para as Forças Armadas (FFAA) e a contribuir para o sucesso das missões que lhes são atribuídas (Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN], 2020).

Para entender o enquadramento dos Cães Militares nas forças militares importa, em primeiro lugar, conhecer as características naturais inerentes ao seu comportamento. Deste modo, conseguimos destacar quais os atributos específicos a que um Cão Militar obedece. De seguida, é fulcral percebermos o Estado da Arte da cinotecnia nas FFAA, sobretudo no EP. Após esta reflexão, estaremos aptos a identificar um conjunto de lacunas existentes na temática em questão (Santos et al., 2019).

Por fim, urge comparar o emprego dos MWD em Portugal, com outros países pertencentes à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). O foco prende-se com a comparação de procedimentos quanto à formação e emprego das equipas cinotécnicas, ao

¹ 1ª Guerra Mundial: 1914-1918; 2ª Guerra Mundial: 1939-1945; Guerra do Golfo: 1990-1991.

nível nacional e internacional.

1.1. Cinotecnia

As capacidades que os Cães Militares possuem e utilizam para detetar a presença de explosivos, drogas ou armamento, entre outras tarefas, torna-os distintos dos humanos ou de qualquer dispositivo tecnológico atual (OTAN, 2020). Destacam-se as capacidades sensorial, olfativa, auditiva e visual, que são complementadas “pelas capacidades de agilidade, velocidade, resistência e resiliência perante as adversidades que caracterizam o cão militar” (EP, 2020, p. 3–3).

Como tal, é pertinente estudar as características naturais dos cães, nomeadamente através da Cinotecnia:

“É a atividade que, ao potenciar as características naturais dos cães ou características especiais de indivíduos, independentemente da raça, ao nível da sua morfologia, temperamento e/ou instinto ou instintos naturais, os condiciona através do ensino e do treino, ou faz uso dos mesmos, para um fim útil” (EP, 2020, p. 3–1)

Todos estes atributos devem contribuir para a função primária dos Cães Militares, que, de acordo com o EP, é “executar ações de combate, em apoio a equipa de ações especiais e, concomitantemente, em caso de necessidade, em operações de apoio/manutenção/imposição da paz” (2020, p. 3–4). A equipa formada pelo cão militar e pelo condutor, denomina-se binómio. Por sua vez, o condutor é um “militar de qualquer classe qualificado para assegurar o maneio e a prontidão do cão ao nível da higiene, alimentação e trabalho” (EP, 2020, p. A-3).

No que respeita à morfologia do Cão Militar, este deve respeitar as seguintes características: 1) dispor de médio ou grande porte e pesar entre 20 e 40 Quilogramas; 2) deve ser mediolíneo, isto é, com um equilíbrio entre altura e comprimento; 3) o crânio deve ser longo, apresentando um grande diâmetro ântero-posterior (EP, 2020). A combinação destas características irá permitir ao Cão Militar potenciar “não só a resistência e a capacidade física, como também as competências que exijam a utilização do olfato” (EP, 2020, p. 2–7).

Aliado às características anteriormente mencionadas, importa referir os instintos naturais do Cão que são um “estímulo interior e inato que induz os cães a realizarem atos relacionados com a sua conservação e reprodução” (EP, 2020, p. 3–2). Através da compre-

ensão dos instintos e da estimulação de cada cão para executar uma tarefa, torna-se evidente a atribuição de cada cão para o desempenho de diferentes tarefas. O instinto primário do cão é a sobrevivência, procurando satisfazer um conjunto de necessidades básicas, nomeadamente, a segurança, a gregariedade, a propagação do seu fundo genético e o alimento. Para além disso, apresentam cinco instintos secundários: caça, presa, territorial, defesa e sexual (EP, 2020).

Por fim, é pertinente referir que as raças de cães mais utilizadas a nível internacional e que já comprovaram a sua eficácia no campo de batalha são: o Pastor Belga Malinois e o Pastor Alemão (Dragicevich, Jones, Bridges, Dunn, 2020; Mey, Grier, Stevenson-LaMartina, Anderson, Schuh-Renner, 2020; Spinella, Tidu, Grassato, Musella, Matarazzo, Valentini, 2022). Um exemplo da utilização do Pastor Belga Malinois remonta à operação militar dos Estados Unidos da América (EUA) que culminou na captura de Osama bin Laden (O’Neil, 2018)².

1.1.1. Cinotecnia no Exército Português

A Cinotecnia foi implementada nas FFAA, em 1957, pelas Tropas Paraquedistas (TP), então pertencentes à Força Aérea Portuguesa (FAP). Em 1961, em consequência do início da Guerra Colonial Portuguesa, as TP projetaram os primeiros cães militares ao serviço das FAP nos TO de Angola, Guiné e Moçambique (EP, 2020).

No EP, a valência cinotécnica é introduzida em 1994, após a reorganização das FFAA que ocorreu no mesmo ano, e ditou a passagem das TP da FAP para o EP. Em 2000, o Regimento de Lanceiros (RL) implementou uma secção cinotécnica e tornou-se, assim, na segunda unidade do EP a dispor de recursos cinotécnicos (EP, 2020).

Atualmente, o EP dispõe de duas unidades com a especialidade cinotécnica:³

- 1) Pelotão Cinotécnico (PelCino), que pertence ao Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT) que está aquartelado no Regimento de Paraquedistas;
- 2) Módulo Cinotécnico (ModCino), que pertence ao Pelotão de Apoio do Grupo de Polícia do Exército que está aquartelado no RL nº2.

Segundo a PDE 0-20-18 Cães Militares, a “empregabilidade das unidades cinotécnicas abrange todo o espectro de operações militares”. Contudo, importa referir que as vo-

² Operação *Neptune Spear*: Executada pela ‘SEAL Team Six’, no Paquistão, a 2 de maio de 2011

³ Ver Anexo A

cações, do PelCino e do ModCino, são diferentes uma da outra. O PelCino é equipado com cães de guerra que “estão essencialmente vocacionados para o apoio de unidades Paraquedistas, Operações Especiais e Comandos ou outras com capacidade similares”. Por outro lado, o ModCino é equipado com cães de polícia militar que estão vocacionados para “Unidades de Controlo de Tumultos, Polícia do Exército, Engenharia e Apoio Militar de Emergência” (EP, 2020, 4-1).

Além da relação que se estabelece entre os tipos de cães militares e respetiva especialização (Quadro nº 2), a cada especialização de binómio corresponde um conjunto de tarefas atribuídas⁴.

Quadro n.º 2 – Especializações dos Binómios

Cão de Guerra	Cão de Polícia Militar	Cão de Guerra & Cão de Polícia Militar
Binómio Explorador	Binómio de Detecção de Estupefacientes	Binómio de Guarda
		Binómio de Detecção de Explosivos
		Binómio de Detecção de Armamento
		Binómio de Detecção de Minas
		Binómio de Busca e Salvamento

Fonte: Adaptado de (EP, 2020, pp. 4-2 – 4-5)

No que à formação dos militares inseridos em unidades cinotécnicas diz respeito, o Centro de Excelência Cinotécnico constitui-se como a entidade primariamente responsável (EPR) pela formação dos quatro diferentes cursos cinotécnicos:

- **Tratador/Condutor de cães militares:** responsável pelo emprego e condução do cão, assim como, pela higiene, alimentação, treino e prontidão do mesmo;
- **Treinador de cães militares:** responsável pela preparação e treino dos binómios cinotécnicos, execução do plano de treino das equipas cinotécnicas, e participação em cursos de formação militares e de âmbito civil;

⁴ Ver Anexo B

- Instrutor Cinotécnico Militar: responsável pela formação de equipas cinotécnicas para combate, condução de treinos, assim como, o apoio na comissão de remonta;
- Figurante: acumula as formações de instrutor cinotécnico militar e de treinador de cães militares, e está qualificado “para aplicar técnicas de exploração e condução dos instintos inatos, defesa e presa, no treino da disciplina de defesa, no que respeita à confiança da mordida do cão militar.” (EP, 2020, p. 5-3).

Além da componente operacional no que à Cinotecnia diz respeito, o apoio veterinário é garantido pela Unidade Militar de Medicina Veterinária, através da Clínica Veterinária Militar de Canídeos (CVMC). A CVMC é responsável por “prestar apoio médico-veterinário e cirúrgico aos canídeos do Exército (...), com a possibilidade de prestações clínicas em regime ambulatorio ou de internamento” (EP, 2023). Dispõe, adicionalmente, da competência para a formação dos militares cinotécnicos em primeiros socorros ao cão militar e *Tactical Combat Casualty Care*.

1.1.2. Cinotecnia em outras instituições nacionais

Na Marinha, a especialidade cinotecnia é garantida através do Núcleo Cinotécnico do Corpo de Fuzileiros (NCCF) através do emprego de binómios cinotécnicos nas seguintes tarefas: segurança de infraestruturas, busca e deteção de estupefacientes, busca e deteção de explosivos, demonstrações cinotécnicas e cerimónias. A criação do NCCF remonta a 1974, e desde essa data que efetua missões em apoio ao Corpo de Fuzileiros (Marinha, 2023).

Na FAP, o Centro de Treino Cinotécnico da Força Aérea encontra-se sediado no Aeródromo de Manobra nº1, em Ovar, e é “responsável por ministrar cursos de instrutores, monitores e tratadores de cães militares nas vertentes de guarda, deteção de droga e explosivos e (...) promover estágios e treinos de conjunto” (FAP, 2023).

Quanto às Forças de Segurança, a Guarda Nacional Republicana (GNR) criou a sua primeira força cinotécnica em 1956. Atualmente, o Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) da GNR encontra-se articulado em duas Unidades Escalão Companhia (UEC) e um Centro de Formação Cinotécnico, com as seguintes especificidades:

- Companhia de Intervenção Cinotécnica: subunidade vocacionada “para o treino e emprego operacional de binómios de Segurança e Intervenção e binómios de Intervenção Tática” (Pinto, 2013, p. 27). Estes binómios destinam-se a integrar forças que cumprem missões de Manutenção e Restabelecimento da Ordem Pública e de resolução de Incidentes Tático-Policiais (ITP);
- Companhia de Detecção Cinotécnica: subunidade que tem como missão o emprego e treino operacional de binómios de deteção de odores diversos e odor humano, nomeadamente, deteção de armas, explosivos, papel-moeda, cadáveres, policarbonato e vestígios biológicos;
- Centro de Formação Cinotécnico: responsável pela formação cinotécnica da GNR, produção doutrinária e de ferramentas de apoio técnico, e planeamento e condução da certificação e avaliação de binómios civis e da GNR (Pinto, 2013).

1.2. Cinotecnia em países OTAN

Atendendo aos países que pertencem à OTAN⁵, importa inferir o emprego da cinotecnia por parte das respetivas FFAA. Entre os trinta países que constituem a OTAN, destacam-se os EUA, o Reino Unido, a França e a Espanha com as respetivas unidades cinotécnicas.

Relativamente aos EUA, o emprego operacional da cinotecnia é garantido pelo *341st Training Squadron* que, nas últimas décadas, projetou equipas cinotécnicas para vários TO internacionais, nomeadamente Afeganistão, Iraque e Balcãs. De acordo com *o US Army*, as equipas cinotécnicas constituem “um recurso valioso para a polícia militar, Infantaria, Forças Especiais, Departamento da Defesa, e outras agências governamentais” (US Army, 2005, p. 1-1). Quanto ao seu emprego, os binómios são capazes de neutralizar indivíduos hostis, executar tarefas no quadro da deteção de odores ou materiais diversos e materializa uma arma não letal. Neste sentido, a integração dos binómios em forças de combate constitui um efeito multiplicador do PotComb (US Army, 2005).

⁵ OTAN é “uma aliança política e militar que junta 30 países membros, da Europa e da América do Norte.”, da qual Portugal faz parte (OTAN, 2023).

Considerando os TO internacionais no quais o EUA participou, é pertinente destacar o TO do Afeganistão no qual se verificou o uso de engenhos explosivos improvisados (IED⁶) por parte das forças que se opõem ao contingente norte americano. Com o objetivo de fazer face a esta ameaça, as forças dos EUA tomaram a decisão de empregar e projetar equipas cinotécnicas para o Afeganistão, nomeadamente no decurso da Operação *Enduring Freedom*. Neste sentido, foram criadas TTP que tratam o emprego de binómios cinotécnicos em operações *Counter-IED*, identificando assim, a importância do uso de MWD, na medida em que estes “oferecem um apoio necessário e tangível em operações *Counter-IED*” (Regional Command, 2011, p. 20). O presente documento estabelece as seguintes variáveis de análise:

1. *The IED Detector Dog Unit*: inclui os deveres e responsabilidades de todos os responsáveis pelas equipas cinotécnicas;
2. *IDD Operations*: apresenta considerações no âmbito da atuação de binómios cinotécnicos integrados em Unidades de Inativação de Explosivos, da projeção para TO internacionais, do conjunto de regras de segurança inerentes ao emprego do cão e do equipamento atribuído a estas equipas;
3. *Field Kennels Establishment*: indica as infraestruturas necessárias para alojar os canídeos no terreno, e as medidas que devem ser tomadas a fim de garantir a higiene, saúde e bem-estar do animal;
4. *Training*: apresenta orientações para o plano de treino que o binómio cinotécnico deve cumprir para estar apto a operar num TO específico, nomeadamente, no que diz respeito à frequência do treino e às tarefas que devem ser conduzidas;
5. *Routine Operations*: enumera as tarefas diárias que devem ser cumpridas pelos responsáveis da especialidade cinotécnica e os relatórios que devem ser preenchidos durante o decorrer da Operação;
6. *IDD Health*: refere as implicações médicas inerentes à saúde e bem-estar dos MWD.

O Reino Unido, por meio do *1st Military Working Dog Regiment*, cria e forma cães militares com o intuito de contribuir para as missões das FFAA e integrá-los em operações militares nos TO internacionais. A unidade cinotécnica britânica encontra-se vocacionada

⁶ *Improvised Explosive Devices*: engenhos explosivos “fabricados de forma improvisada e criados para destruir propriedade ou incapacitar pessoas e veículos” (European Defence Agency, s.d.).

para o emprego operacional de equipas cinotécnicas em missões de dissuasão, de deteção, e que impliquem o uso de uma arma não letal. Neste sentido, possuem e projetam equipas cinotécnicas para o exterior do Território Nacional (TN) com as especialidades de busca e deteção de armas e explosivos e cão de patrulha. É de realçar o empenhamento da unidade nos conflitos armados do Iraque e do Afeganistão (British Army, 2023).

O *Centro Militar Canino de la Defensa* (CMCD), em Espanha, é responsável pela integração dos binómios cinotécnicos nas diferentes unidades militares espanholas que solicitem o apoio e a valência cinotécnica. Como tal, conduzem o treino e emprego dos binómios cinotécnicos nas especialidades de segurança e combate, deteção de estupefacientes, deteção de explosivos, busca e salvamento, deteção *C-IED*, cão de terapia e de intervenção. É de realçar que o binómio de intervenção é empregue, tanto em TN como no exterior do TN, e é “adequado para uso em combate noturno e diurno, áreas urbanizadas, ambiente subterrâneo e em missões aéreas, conhecendo as TTP das unidades onde são integrados” (Ministerio de Defensa, 2023).

Tendo em conta o emprego e formação de equipas cinotécnicas, o CMCD apoia-se nos instrumentos doutrinários aplicados à Cinotecnia difundidos pelo Ministério da Defesa de Espanha, como é o caso do manual “*Empleo del perro en defensa y seguridad: técnicas de adiestramiento e instrucción del guía canino*”. No presente documento, são apresentados conceitos técnicos e práticos relacionados com o treino das equipas cinotécnicas, com as avaliações para certificação dos binómios, com o apoio veterinário à Cinotecnia, e com os protocolos de atuação para cada especialidade cinotécnica. No quadro dos protocolos de atuação vertidos neste manual, surge a especialidade cinotécnica de segurança e combate, sendo que esta opera em AU. No que concerne às TTP para esta especialidade, o CMDC utiliza este documento para orientar o treino e emprego do binómio cinotécnico em edifícios, sendo que dispõe de protocolos para a integração de equipas cinotécnicas em Forças de Assalto, tanto para a equipa cinotécnica como para os militares que solicitam apoio, e para a execução de tarefas no CAU (Ministerio de Defensa, 2013).

Por fim, em França a especialidade cinotécnica é da responsabilidade do *132e Régiment d’Infanterie Cynotechnique*. Esta unidade garante o treino e emprego dos binómios cinotécnicos nas especialidades da deteção e neutralização de indivíduos hostis e na busca e deteção de explosivos e munições, sendo que ainda garante o apoio a tropas de Operações Especiais. No que diz respeito à projeção de equipas cinotécnicas para TO internacionais, a unidade esteve empenhada em operações militares no Mali, Líbano, Costa do Marfim, Guiana e República Centro-Africana (RCA) (Ministère Des Armées, 2023). O Exérci-

to Francês emprega o binómio cinotécnico uma vez que reconhece várias vantagens táticas que o binómio cinotécnico pode oferecer à Força que integrar. Como tal, é apresentado um quadro que reflete as vantagens táticas que estão associadas a cada característica do cão e considerações quanto ao seu emprego:

Quadro nº 3 – Vantagens Táticas do Uso do Cão

Característica do Cão	Vantagens Táticas	Pontos de Atenção
Rapidez & Agilidade	Neutralização do inimigo na entrada de compartimento, seja por porta ou janela	Tratador de Cães deve manter o cão focado na tarefa de modo a não perturbar a força de assalto
Tamanho & Peso	Cães constituem uma melhor opção para operar em locais apertados ou frágeis do que soldados equipados	Identificar com antecedência a abertura utilizada pelo grupo, para recuperar o cão o mais rapidamente possível.
Cheiro & Odor	Capacidade de detetar explosivos, vestígios, odores e presença inimiga, esteja ela escondida ou não	Evitar saturar o local com odor
Audição	Executa a deteção e indicação de presença inimiga, nomeadamente em ambiente noturno e em áreas fechadas	Cão deve manter uma marcação passiva, isto é, não ladra perante presença inimiga
Visão	O Cão deteta eficazmente a luz e o movimento, assim como, variações de luz, sombras e <i>flashes</i> . Ideal em ambiente noturno e subterrâneo	Impor áreas interditas às tropas amigas
Instinto	Proteção da Força e do Tratador	A Força não deve interferir no comando do Tratador para com o Cão
Adestramento	Capacidade de reconhecer uma área, neutralizar um indivíduo, e fazer a deteção de pessoal ou material	O tratador de cães é um especialista que deve estar a par das possíveis situações a fim de apoiar a Força de Assalto
Material	Apito ultrassom, coleira, designação por laser, transmissão por vídeo (câmara K9), permite discrição e apoio específico	Nem todos os cães têm a mesma formação, sendo que os Tratadores devem adaptar-se a cada situação particular

Fonte: Adaptado de (Ministère des Armées, 2018, p. 8)

Além das vantagens táticas anteriormente identificadas, a especialidade Cinotécnica estabelece procedimentos de treino que tratam do aprontamento dos binómios cinotécnicos para o CAU. Como tal, os binómios cinotécnicos que sejam projetados para um TO como é o caso do RCA, devem seguir as seguintes instruções para o aprontamento da força (Ministère des Armées, 2018):

- Adaptação do uso do açaimo para os diferentes graus de violência e Regras de Empenhamento (ROE⁷);
- Adaptação aos vários veículos blindados;
- Tornar o cão autónomo na execução de travessias;
- Acostumar o cão ao som dos disparos de armas de diferentes calibres, nomeadamente, em zonas fechadas;
- Recomenda-se que o cão utilize tampões antirruído ou redutores do ruído, para preservar a saúde e bem-estar do animal;
- Habituar o cão a operar integrado com as forças de assalto, de modo que nenhum dos elementos se atrapalhe mutuamente.

1.3.Síntese Conclusiva

Com base nos subcapítulos anteriores, podemos constatar que existe uma diferença considerável no emprego e projeção de equipas cinotécnicas para TO internacionais entre as unidades cinotécnicas portuguesas e as de países pertencentes à OTAN. Ao contrário do que sucede com o EP, que nunca projetou qualquer binómio cinotécnico para um TO internacional, vários países da OTAN têm empregue e projetado equipas cinotécnicas para os TO da RCA, Iraque, Afeganistão, entre outros. Neste sentido, é de relevo assinalar que países como a Espanha, a França e os EUA dispõem de instrumentos doutrinários que tratam do emprego do binómio cinotécnico no CAU, tais como: *Empleo del perro en defensa y seguridad: técnicas de adiestramiento e instrucción del guía canino* (Ministerio de Defensa, 2013), *Le Renfort Cynotechnique de l'Armée de Terre en Zone Urbaine* (Ministère des Armées, 2018) e *Military Working Dogs* (US Army, 2011).

Por outro lado, enquanto a única especialidade exclusivamente atribuída ao Cão Militar do EP é a de Cão Explorador, vários países da OTAN, assim como a GNR, optaram por incluir a especialidade de Cão de Intervenção, vocacionado para tarefas no âmbito do CAU ou do uso de uma arma não letal. Neste prisma, verificámos as vantagens táticas do uso do binómio cinotécnico no CAU, assim como, as recomendações da Cinotecnia do

⁷ ROE ou Regras de Empenhamento materializam um meio que permite definir as regras para o uso da força militar, tendo em conta, as especificidades jurídicas, políticas e militares de uma dada situação (Carreira, 2004).

Exército Francês para o aprontamento e conseqüente projeção de equipas cinotécnicas para TO internacionais.

CAPÍTULO 2 – COMBATE EM ÁREAS URBANAS

Desde o período da Guerra Fria até à atualidade, tem-se assistido a uma crescente evolução e complexidade do CAU, que se materializa nas operações militares nos TO internacionais. As mudanças que têm ocorrido nesta dimensão das operações, obrigam a uma compreensão e análise destes novos desafios e conceitos (Polho, 2016).

2.1. Enquadramento Conceptual

As operações militares em ambiente urbano (AU) incluem todo o espectro de operações militares, sejam elas operações ofensivas, defensivas, de estabilização ou de apoio civil. Deste modo, o planeamento e a condução de operações no CAU abrangem todo o leque de tarefas para as diferentes tipologias de operações.⁸ Além do conjunto de tarefas passíveis de serem executadas é necessário ter em conta as especificidades do AU, incluindo:

“(...) os aspetos físicos da área urbana, assim como, a interação dinâmica e complexa e a relações entre os seus componentes – o terreno (natural e alterado por ação do homem), a sociedade, e as infraestruturas de apoio – como um sistema de sistemas interdependente e sobreposto.”

(US Army, 2006, vii)

Estas operações podem ser conduzidas em três tipos diferentes de condições. De acordo com o EP (2011), as operações urbanas (OU) em condições cirúrgicas são conduzidas, predominantemente, por forças de Operações Especiais. Por outro lado, as operações em condições de alta intensidade abrangem ataques planeados e implicam “a aplicação coordenada do potencial de combate completo em conjunto com as armas combinadas” (EP, 2011, p. 2-5). Por fim, as OU em condições de precisão enquadram-se, sobretudo, nas operações de estabilidade e apoio, sendo que as principais características que as definem são: a presença de não combatentes misturados com combatentes num dado cenário, a ele-

⁸ Ver Anexo C

vada probabilidade de combate próximo e escolha criteriosa de TTP a empregar que respeitem as ROE em uso.

2.2. Combate em Áreas Urbanas na Atualidade

Desde o 11 de setembro de 2001, que marca o dia no qual se assistiu à queda das Torres Gêmeas em Nova Iorque, assistiu-se a uma mudança no quadro geopolítico e militar a nível mundial. O século XXI é caracterizado, portanto, por um clima de imprevisibilidade que obrigou as FFAA a adaptarem-se no que diz respeito a “operações de caráter ofensivo, defensivo e de resposta a crises, em que as cidades, são palco privilegiado” (EP, 2012, p. 1-1).

Segundo os *US Marine Corps*, estima-se que, atualmente, mais de 50% da população mundial reside em áreas urbanas, sendo que em 2050 se prevê que essa percentagem atinja os 70%. Como tal, o CAU torna-se, a cada dia que passa, a nova realidade no espetro das operações militares. As implicações deste quadro de operações incluem, entre outros, o risco de um número elevado de baixas civis, a necessidade de missões de apoio civil e a condução de operações militares sob regras de empenhamento bastante restritivas (2017). Tendo em conta esta necessidade de adaptação a novas ameaças e ao CAU, é imperativo que cada força procure aumentar o seu PotComb a fim de continuar a manter vantagem sobre os inimigos que enfrentam e a garantir o cumprimento das suas missões.

O PotComb é definido como “o somatório de todas as capacidades que uma força militar aplica num dado momento” (EP, 2012, p. 2-22), sendo que a aplicação destas capacidades tem como finalidade última cumprir as missões que lhe são atribuídas. Para tal, contribuem três componentes, a física, a moral e a conceptual, conforme se ilustra na seguinte figura:

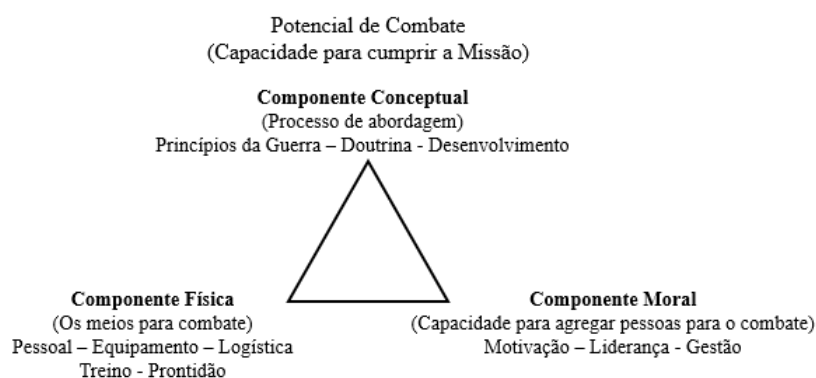


Figura n.º 2 - Componentes do Potencial de Combate
Fonte: (EP, 2012, p. 2-22)

É da responsabilidade dos comandantes a perfeita conjugação das três componentes anteriormente identificadas, de modo a aplicar um PotComb superior ao inimigo no local e momento decisivos pois só assim, garantem o sucesso de uma dada operação (EP, 2012). Aliado a estas três componentes, surgem os oito elementos que constituem o PotComb:

1. Liderança – funciona como elemento multiplicador do PotComb;
2. Informação – ferramenta que trata de todas as informações inerentes ao Ambiente Operacional que contribuem para a condução da operação;
3. Funções de Combate (incluem os restantes 6 elementos) – englobam “um grupo de tarefas e sistemas (...) unidos por uma finalidade comum que os comandantes aplicam para cumprir missões operacionais e de treino” (EP, 2012, p. 2-24), que incluem, comando-missão, movimento e manobra, fogos, apoio de serviços, proteção e informações

Neste âmbito e conforme o EP evidencia, a aplicação do PotComb implica o uso em conjunto dos elementos anteriormente identificados. Aliado a isto, o comandante da força deve empregar meios letais e não letais conforme a situação assim o exigir (2012).

De acordo com as implicações levantadas, urge entender o enquadramento das TTP existentes no âmbito do CAU, nomeadamente no que respeita ao emprego de armas não letais. Neste domínio, a OTAN refere que “a Doutrina Urbana atual carece de coerência com a realidade e não reflete as lições aprendidas” (OTAN, 2016, p. 8). Também o Exército Canadano defende que as OU exigem a criação e prática exaustiva de TTP, a fim de garantir o sucesso das operações (Canadian Army, 2008), nomeadamente em situações de *Close Quarters Battle (CQB)*.⁹

Uma das propostas da OTAN diz respeito à reestruturação das forças de assalto, sendo que utiliza o exemplo das forças israelitas, a fim de evidenciar a pertinência de integrar binómios cinotécnicos com a especialidade de deteção de engenhos explosivos nesta tipologia de forças (2016). Além da OTAN, o Exército Francês concluiu também que o CAU na atualidade exige uma adaptação dos meios usados face às novas ameaças e desafios. Como tal, optaram por investir no emprego dos meios cinotécnicos nas OU nas quais estão envolvidos, uma vez que a utilização dos cães contribui efetivamente para a deteção, dissuasão e neutralização da ameaça e confere mais segurança e proteção à força (*Ministère des Armées*, 2018).

⁹ CQB: “TTP de combate empregues por pequenas unidades de operações especiais altamente treinadas que usam armas, munições e demolições com um propósito específico para recuperar pessoal, equipamento ou material específico” (Canadian Army, 2008, 2-6).

CAPÍTULO 3 – TEATRO DE OPERAÇÕES DA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA

3.1. Enquadramento Histórico-Militar

A RCA, entre 1905 e 1960¹⁰, encontrava-se sob o domínio colonial francês. Somente em 1960, proclama a sua independência relativamente a França, sendo que a influência colonial francesa no país dura até à atualidade. Desde este período até 2013, assistiu-se a várias mudanças do poder político, marcadas por sucessivas insurreições e golpes de estado. Em 2013, o grupo Séléka, de forte influência muçulmana, conduz com sucesso um golpe de estado e Michel Djotodia assume o cargo de presidente da RCA (Lombard, 2016).

Após a tomada do poder político por parte do grupo Séléka, surgiu a milícia cristã Anti-Balaka que materializava a oposição política e religiosa aos Séléka. O grupo cristão era apoiado pela maioria da população, uma vez que existia um descontentamento popular face ao caos político que imperava na RCA. Este conflito étnico-religioso, provocou centenas de mortes civis e milhares de deslocados, resultado da violência entre os grupos acima referidos e dos grupos em si contra a população civil (CIA, 2023).

A situação que se vivia na RCA conduziu à criação da MISCA¹¹ por parte da União Africana, com o objetivo de restabelecer a paz e cessar os conflitos entre os grupos cristãos e muçulmanos. Além desta missão, a França empenhou 1600 militares para atuarem em apoio à MISCA, por meio da Operação Sangaris (Campos, L., Santos, J., Vieira, N. e Silva, Y., 2016). O contingente francês “não resolveu a crise na RCA, mas ajudou a evitar o genocídio, estimulou o processo de desarmamento enquanto fomentou uma nascente estrutura administrativa e restaurou o fornecimento de bens essenciais” (Hémez, R., 2017, pp. 1-2).

O Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 2014, entende que o conflito que se vivia na RCA ameaçava tornar-se num genocídio e decide projetar uma força da União Europeia, com o intuito de apoiar o esforço conduzido pelas tropas francesas e africanas. Assim, autoriza o estabelecimento da *Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic* (MINUSCA) a fim de:

¹⁰ Durante este período, a atual RCA era denominada de Ubangui-Shari (Lombard, 2016).

¹¹ Mission Internationale de Soutien à la Centrafrique sous Conduite Africaine: missão de paz criada a 5 de dezembro de 2013 pela União Africana, após a aprovação do CSNU por meio da Resolução 2127 (Campos et. al, 2016).

“(…) proteger civis, conduzir o processo de transição, facilitar a assistência humanitária, proteger e promover os direitos humanos, apoiar a justiça e o Estado de direito, e realizar o processo de desarmamento, desmobilização, reintegração e repatriação de ex-combatentes na RCA” (Campos et.al, 2016).

É neste contexto que Portugal, após a aprovação do Conselho Superior de Defesa Nacional, aceita o pedido de apoio francês, e passa a integrar a MINUSCA com uma força de manobra a fim de se constituir como *Quick Reaction Force (QRF)*. Desde então, o EP “apronta, projeta, sustenta e retrai as Forças nacionais a destacar para o TO da República Centro-Africana, a fim de integrar a (...) MINUSCA.” (Estado-Maior General das Forças Armadas [EMGFA], 2016, p. 6).

3.2. Ambiente Operacional

A fim de compreender o atual TO da RCA, importa descrever as principais características do Ambiente Operacional (AO) para perceber as razões que levaram a que as Forças portuguesas fossem obrigadas a “rever as suas táticas de atuação e a operar com as suas subunidades a longas distâncias da unidade de origem” (Estado Maior do Exército [EME], 2018, p. 8).

A RCA, cuja capital é Bangui, situa-se na África Central e estende-se por 623.000 quilómetros quadrados, que representa cerca de seis a sete vezes a área de Portugal. Partilha fronteiras com seis países conforme podemos verificar na seguinte figura:



Figura nº 3 – Mapa da RCA
Fonte: (EME, 2018, p. 5)

A população total da RCA, de acordo com dados recolhidos em 2016, é de cerca de cinco milhões de habitantes. A RCA tem uma diversidade étnica e religiosa, sendo que cerca de 50% da população é cristã, cerca de 35% animistas e os restantes 15% muçulmanos (EME, 2018). As suas línguas oficiais são “o Francês e o Sango” (Saramago, J. M. B., Batista, L. A., & Costa, T. J. M., 2019, p. 42). De forma geral, o país apresenta uma esperança média de vida baixa, assim como, um número elevado de pessoas em situação precária (EME, 2018).

Quanto ao poder político, a RCA é uma república presidencialista, sendo o atual presidente Faustin-Archange Touadéra. De acordo com o *Fund For Peace*, a RCA é um dos cinco estados mais frágeis do panorama internacional, e, desde 2005, ano que marca a criação do *Fragile States Index*, tem-se mantido no fundo na lista. As sucessivas crises políticas e sociais, e as guerras entre milícias que têm assolado o país, são apontadas como os principais obstáculos para o desenvolvimento e estabilidade nacional (2022).

O clima na RCA varia consoante a região, sendo que a região Sul apresenta um clima do tipo equatorial, a região Centro tropical húmido e a região Norte tropical seco. É de assinalar que a temperatura média anual varia entre os 15° C no Sul e os 38° C no Norte, na medida em que esta irá condicionar a atuação dos militares no TO. Este tipo de clima “tem consequências para a atividade operacional da Força e resistência física dos militares” (EME, 2018, p. 6).

Por fim, a ameaça que faz frente às forças da MINUSCA é constituída predominantemente por Grupos Armados que recebem apoio de países vizinhos, tais como o Sudão e o Chade. Além disso, a exploração de recursos naturais como os diamantes e o marfim, e o contrabando de armas, têm contribuído para o aumento do crime organizado no país. Consequentemente, a força portuguesa “está exposta aos golpes diretos de um oponente irregular, imprevisível, de múltiplos atores e muito adaptado ao meio em que opera” (EME, 2018, p. 8).

3.3. MINUSCA – Exército Português

Em 2017, a 1ª FND é projetada para o TO da RCA, com 159 militares do EP e da FAP, constituindo assim a QRF para a MINUSCA. Esta força é materializada por “uma Força de manobra de escalão companhia, com a missão de QRF (...) pronta a atuar em qualquer região da Área de Operações, podendo ser destacada para outra região fora da sua *Main Operating Base*” (EM, 2018, p.10). Atualmente, o EP já projetou doze FND para o

TO da RCA, sendo que a unidade de manobra é constituída pelas tropas especiais dos Comandos ou Paraquedistas. Além da Força Portuguesa, o TO da RCA conta com mais de treze mil militares no terreno, de vários países sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU).

A QRF executa missões em AU com “elevada mobilidade e capacidade de resposta decisiva” (EME, 2018, p. 10). As tarefas principais conduzidas pela unidade de manobra portuguesa são (ONU, 2020):

Tabela nº 1 – Tarefas Principais da QRF Portuguesa

Tarefas Principais	Executar patrulhas de combate
	Efetuar operações de vigilância e de recolha de informações
	Efetuar reconhecimentos da Área de Operações
	Efetuar a proteção de civis
	Proteger infraestruturas ou áreas sensíveis
	Proteger entidades ou outras Forças
	Responder reactivamente a uma crise emergente
	Efetuar operações de cerco e busca
	Escoltas a entidades
	Escolta a coluna terrestre
	Operações aéreas (<i>Close Air Support</i>)
	Dirigir a ação de helicópteros de ataque

Fonte: Adaptado de (PCRS, 2020)

Uma vez que a contribuição do EP para a MINUSCA se enquadra no domínio das Operações de Manutenção de Paz¹² da ONU, é necessário ter em conta as ROE inerentes à atuação da Força Portuguesa. De acordo com Baleizão, o cumprimento das ROE é essencial para garantir o sucesso de qualquer operação, nomeadamente nesta tipologia de operações. Neste âmbito, todos os intervenientes numa dada operação devem estar cientes de como devem reagir perante uma ameaça, sendo que existem situações em que é necessário optar pelo uso de armas não letais em detrimento de armas letais (2011).

¹² Operação de Manutenção da Paz: “(...) decorrem geralmente de acordo com os princípios do Capítulo VI da Carta das Nações Unidas com o intuito de monitorizar e facilitar a implementação de um acordo de paz” (PDE 3-65-00)

No contexto atual na RCA, além da complexidade das tarefas já executadas pelas forças portuguesas e da obrigatoriedade de cumprir as ROE em vigor no TO, surgiu uma nova tipologia de ameaça. Entre o final do ano de 2022 e o início de 2023, foram detetados indícios do uso de engenhos explosivos improvisados, cuja utilização não se tinha verificado em qualquer operação conduzida pelo EP desde que projeta forças para o TO (ONU, 2023). Os *IED* representam uma arma de eleição para grupos armados, sendo que os baixos custos de produção e o fácil acesso aos materiais de fabrico facilitam a produção caseira deste tipo de explosivos. O aparecimento desta nova ameaça, implica uma adaptação imediata dos meios que as forças de combate empregam num dado TO, nomeadamente as FND portuguesas na RCA (European Defence Agency, s.d.).

PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS

4.1. Enquadramento

O presente capítulo visa apresentar e justificar a metodologia de investigação adotada na presente investigação, evidenciando o tipo de abordagem, o método, os procedimentos metodológicos e as técnicas utilizadas. A escolha da metodologia assenta na premissa de que “a investigação aplicada tem por objetivo encontrar uma aplicação prática para os novos conhecimentos, adquiridos no decurso da realização de trabalhos originais” (Carvalho, 2009 citado em IESM, 2016, p. 14).

4.2 Tipo de Abordagem

De modo a atingir os resultados pretendidos é imperativo tomar certas decisões, tais como definir a estratégia de investigação e o desenho de pesquisa (Rosado, 2017). É necessário ter em conta que a investigação pode assumir três formas diferentes de raciocínio: indutivo, dedutivo e hipotético-dedutivo (Freixo, 2011). O presente TIA assume o método indutivo de acordo com o Modelo Concetual elaborado¹³ que “tem como ponto de partida a observação de factos particulares para, através da sua associação, estabelecer generalizações que permitam formular uma lei ou teoria” (IESM, 2016, p. 20). Sintetizando, de acordo com Freixo (2011), o raciocínio faz-se do particular para o geral.

Segundo Cohen (1971), o método indutivo assenta em três etapas essenciais 1) observação dos fenómenos, 2) evidenciar a relação entre eles e 3) estudo da relação. Numa primeira fase, realiza-se a análise aos comportamentos e especificidades da problemática em estudo. De seguida, procura-se estabelecer uma relação entre os fenómenos observados. Por fim, faz-se a generalização da relação entre os fenómenos observados.

Quanto à estratégia de investigação adotou-se uma metodologia qualitativa que tem por objetivo uma compreensão profunda do tema de investigação (Vilelas, 2009). É distinta de outras abordagens, uma vez que se preocupa “muito mais com o processo do que

¹³ Ver Apêndice A

com o produto” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 70), centrando-se a sua análise em dados descritivos, ao invés de dados estatísticos. Por conseguinte, definiu-se o desenho da pesquisa materializado pelo estudo de caso que é apropriado “quando as investigações na área são escassas, o que se verifica no tema em estudo” (Voss et al., 2002 citado em Melão & Reis, 2012, p. 61). O estudo de caso enquadra-se na estratégia de investigação adotada e apresenta uma “natureza essencialmente empírica e descritiva” (IESM, 2016, p. 39).

Numa fase prévia ao estudo de caso, foi realizada a revisão de literatura que tem um “papel fundamental” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 78) para qualquer trabalho académico na medida em que enquadra o trabalho dentro da área de estudo da problemática.

4.3. Modelo de Análise

A definição dos objetivos de investigação é essencial para o processo de investigação, dado que permite ao investigador clarificar o sentido e a intenção da investigação, da qual resulta o OG e os OE (Sousa & Baptista, 2011).

Quadro n. ° 4 - Relação entre o objetivo geral e a pergunta de partida com os respetivos objetivos específicos e as perguntas derivadas

Objetivo Geral	Pergunta de Partida	Objetivos Específicos	Perguntas Derivadas
OG: Perceber de que modo o Exército Português pode formar e empregar o binómio cinotécnico e integrá-lo numa força de combate para atuar em Áreas Urbanas, nomeadamente no Teatro de Operações da República Centro-Africana	PP: De que forma a cinotecnia no Exército Português pode formar, integrar e empregar o binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas e na República Centro-Africana?	OE1: Identificar as capacidades e limitações da cinotecnia no Exército Português	PD1: Quais as funções e missões atribuídas à cinotecnia no Exército Português? PD2: Quais as limitações do Exército Português no que respeita à doutrina aplicada ao emprego de Cães Militares no Combate em Áreas Urbanas?
		OE2: Estudar o emprego da cinotecnia no Combate em Áreas Urbanas por parte de outros países e organizações	PD3: De que modo o binómio cinotécnico é utilizado para o Combate em Áreas Urbanas em outros países e organizações?
		OE3: Estudar a possibilidade de emprego do binómio cinotécnico na República Centro-Africana	PD4: Quais as vantagens e limitações do emprego do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas na República Centro-Africana?
		OE4: Reunir um conjunto de práticas e procedimentos com vista à utilização futura por parte do Exército Português	PD5: Como pode o Exército Português potencializar o uso do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas?

Fonte: Elaboração própria

O próximo passo é materializado pela definição da PP, que segundo Rosado (2017, p. 122) é “como um farol que orienta todo o estudo do investigador e que está obviamente perfilado com os objetivos gerais de investigação”. A PP é: **“De que forma o Exército Português pode formar, integrar e empregar o binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas e na República Centro-Africana?”**

Em conformidade com a PP, surgem as PD que “apresentam um carácter mais concreto (...) permitindo de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicá-lo a situações particulares)” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 124), que podemos encontrar no Quadro n.º 4.

4.4. Métodos e técnicas de recolha de dados

Os métodos e técnicas de recolha de dados encontram-se alinhadas com o tipo de abordagem adotado pela presente investigação. Neste sentido, a abordagem qualitativa determina que “a recolha de dados é efetuada recorrendo à entrevista, à observação e à análise documental” (IESM, 2016, p. 30). Neste estudo, procedeu-se à realização de entrevistas e à análise documental.

A análise documental referente ao Enquadramento Teórico incluiu, sobretudo, diversos documentos organizacionais, tanto a nível nacional como internacional, e documentação interna (despachos, diretivas, relatórios) que remetem para o tema da investigação.

A realização de entrevistas é própria da investigação com metodologia qualitativa, sendo que para o efeito foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas (Merriam & Tisdell, 2016). Neste sentido importa referir que nas entrevistas semiestruturadas o “(...) grau de liberdade aumenta para o entrevistado, (...) aplica-se um guião temático, executado de forma flexível” (Haro et al., 2016, p. 94).

Atendendo às funções dos entrevistados e consoante a natureza da investigação, foram criados quatro guiões de entrevistas distintos:

- Guião A¹⁴ – Entrevistas a Militares de Unidades Cinotécnicas do Exército Português;
- Guião B¹⁵ – Entrevistas a Militares de Unidades Cinotécnicas de Instituições Nacionais fora do Exército;

¹⁴ Ver Apêndice B

¹⁵ Ver Apêndice C

- Guião C¹⁶ – Entrevistas a Militares que desempenharam funções de Comandantes de Pelotão na RCA;
- Guião D¹⁷ – Entrevistas a Militares de Unidades Cinotécnicas Estrangeiras.

A fim de conduzir as entrevistas, os entrevistados foram contactados via correio eletrónico, no qual seguiu em anexo o Guião de Entrevista, com o intuito de dar a conhecer ao entrevistado a temática em estudo. De seguida, foi realizado o agendamento das entrevistas e, mediante disponibilidade dos entrevistados, estas foram conduzidas de forma presencial ou através de videoconferência.

4.5. Procedimentos de amostragem

Durante a recolha de dados para uma investigação, esta pode ser realizada a toda a população ou através da seleção criteriosa de uma amostra dessa população. Devido a limitações inerentes ao período temporal e a recursos materiais e humanos, a norma remete-nos para o uso de amostras (Almeida & Freire, 1997). Como tal, foi selecionada uma amostra¹⁸ que se procurou que respeitasse duas dimensões: a representatividade, que remete para a qualidade da amostra recolhida; e a significância, que trata do número de entrevistados no estudo (Rosado, 2017).

Conforme afirma Guerra (2006), o processo de amostragem deve respeitar os princípios da diversidade e da saturação da amostra. Quanto à saturação, as perguntas devem ter respostas completas e o mais detalhadas possível, de forma que a informação fornecida pelos entrevistados se repita (Mills, Eurepos & Wiebe, 2010). Por outro lado, a diversificação foi garantida através da realização de entrevistas a sete militares de unidades cinotécnicas distintas e a quatro militares que desempenharam funções de Comandante de Pelotão na RCA provenientes de duas Tropas Especiais do Exército Português.

4.6. Técnicas de tratamento e análise de dados

Atendendo à estratégia metodológica qualitativa que foi empregue no presente estudo, é pertinente analisar o conteúdo de forma indutiva, nomeadamente através da associa-

¹⁶ Ver Apêndice D

¹⁷ Ver Apêndice E

¹⁸ Ver Apêndice G

ção dos conceitos tratados. Deste modo, o investigador procura compreender os fenómenos resultantes do tratamento e análise de dados, por forma a responder à PP e às PD (IESM, 2016). No capítulo das Conclusões, as respostas às PD são fundamentadas com base nos dados recolhidos, nomeadamente através das entrevistas realizadas, conforme se verifica no Apêndice G.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise e discussão de resultados que tiveram por base as recolhas de dados anteriormente mencionadas. Encontra-se dividido em três subcapítulos, cada um correspondente a uma categoria do Modelo Concetual¹⁹ e que tem por objetivo fundamentar as conclusões desta investigação.

5.1. Especialidade Cinotécnica no Exército Português

De acordo com os entrevistados que pertencem às duas unidades cinotécnicas do EP, é evidente que as especialidades e o efetivo previstos para estas duas unidades não correspondem à realidade. Por um lado, o efetivo dos binómios cinotécnicos não corresponde ao previsto em Quadro Orgânico (QO), tanto no que diz respeito ao número de cães como ao número de militares em serviço na unidade. O PelCino, de acordo com o QO, prevê dispor de quinze militares, sendo que atualmente é constituído por apenas quatro militares (E1; E2).

Por outro lado, como consequência da falta de efetivo nas unidades, as especialidades dos binómios cinotécnicos previstas em QO e atribuídas a cada unidade, não são garantidas na sua totalidade. Adicionalmente, a falta de disponibilidade destes militares condiciona o treino e formação diária necessários para dotar um cão de uma dada especialidade. No ModCino, os Tratadores de Cães são responsáveis por outros empenhamentos fora desta unidade, o que torna o treino diário com os cães uma tarefa bastante difícil de manter no dia-a-dia do Módulo (E1; E2).

Relativamente ao treino que o Tratador realiza com o canídeo, todos os entrevistados partilham da opinião que este deve ser conduzido, se possível, todos os dias. Contudo, verificou-se que tal não acontece. Aliado a este aspeto, apenas o GIC implementou uma prática na unidade que permite que os Tratadores possam levar os cães para casa após o período laboral na respetiva subunidade. Esta prática visa estreitar a relação do binómio cinotécnico e melhorar a qualidade de vida do canídeo, dado que é benéfico para o canídeo ir para casa do Tratador ao invés de se manter em canil. No entanto, e ao contrário do que sucede nalguns países nórdicos, estes Tratadores não recebem quaisquer ajudas de custo

¹⁹ Ver Apêndice A

nem compensações monetárias para tratar do cão fora do período laboral, sendo que existem custos associados que são suportados pelos Tratadores (E1; E2; E3; E4).

Em termos do treino e integração com outras forças e unidades do EP, apenas o PelCino tem integrado outras forças, nomeadamente em exercícios conjuntos com os Batalhões de Infantaria Paraquedistas integrados nas forças de assalto, com o Regimento de Engenharia Nº 1 no âmbito da busca e deteção de explosivos e em apoio ao Centro de Tropas de Operações Especiais. Contudo, tem-se verificado que na condução de Exercícios Setoriais do EP, nos quais existe a possibilidade para integrar equipas cinotécnicas nas unidades de manobra, o emprego dos binómios cinotécnicos tem sido ignorado durante o planeamento e condução destes exercícios (E1, E2).

Em relação ao treino conduzido pelo NCCF e pelo GIC, é de assinalar que ambas as unidades integram as suas equipas nas Forças de Operações Especiais das respetivas instituições, nomeadamente o Destacamento de Ações Especiais (DAE) da Marinha e o Grupo de Intervenção de Operações Especiais (GIOE) da GNR. Embora numa fase embrionária no que respeita à doutrina existente, o NCCF tem integrado os DAE com o objetivo de estabelecer e consolidar procedimentos para o emprego do binómio de ação tática em OU. Quanto ao GIC, os binómios cinotécnicos da Companhia de Intervenção treinam e operam com os GIOE em ITP em AU. Com base em vários instrumentos doutrinários já em uso por parte do GIC, existe a intenção de reunir toda esta informação e criar TTP que sejam vocacionadas para Operações de Intervenção Tática em AU (E3; E4).

Ainda no domínio do treino e formação do binómio cinotécnico para integrar outras forças, o GIC encontra-se a desenvolver um curso denominado Curso de Intervenção Tática. Este curso visa reformular o processo de treino e integração dos binómios cinotécnicos com o GIOE, sendo que está eminentemente vocacionado para a componente técnica a fim de capacitar o binómio cinotécnico a operar em situações de Intervenção Tática. Para concluir o curso as equipas cinotécnicas devem completar três módulos de formação (E3):

1. Numa primeira fase, com a duração previsível de um mês, o foco está na formação técnica do cão com o objetivo de desenvolver as capacidades específicas para a realização de tarefas que lhe são atribuídas.²⁰

²⁰ “Por exemplo, o cão deve ser capaz de se manter em silêncio à entrada de um compartimento ou residência.” (E3)

2. No segundo módulo, que dura previsivelmente duas semanas, é ministrado um estágio de adaptação técnica com o GIOE aos tratadores cinotécnicos a fim de desenvolver a Técnica Individual de Combate;
3. Por fim, o terceiro módulo engloba a integração do binómio cinotécnico com as equipas do GIOE em todas as valências das Operações Especiais, com foco específico na dinâmica e treino conjunto.

Em suma, conclui-se que o GIC identificou a necessidade de estabelecer uma formação específica orientada para o desenvolvimento e treino de binómios na especialidade de Intervenção Tática, que inclui o emprego destas equipas em AU. Deste modo, é garantido que existem práticas e procedimentos para o emprego e integração dos binómios com outras forças, e que ambos são capazes de trabalhar em conjunto. No EP não são ministrados quaisquer cursos que estabeleçam o emprego e integração de equipas cinotécnicas com outras forças, tal como acontece com a GNR (E1; E2; E3).

Relativamente às missões atribuídas à Cinotecnia no EP, ambos os entrevistados referem que a grande maioria dos seus empenhamentos dizem respeito a ações de divulgação e demonstrações de capacidades da instituição. Na última década, não existiu qualquer integração de equipas cinotécnicas, tanto do PelCino como do ModCino, nas unidades do EP que foram projetadas para TO internacionais. A falta de emprego operacional da especialidade cinotécnica do EP materializa um entrave para possíveis futuros empenhamentos das unidades, na medida em que será necessário fazer um levantamento de necessidades inerentes à projeção de equipas cinotécnicas para o exterior do TN (E1; E2).

Assim, os entrevistados sugerem que uma das principais medidas a adotar pelo EP, a fim de potencializar as suas capacidades cinotécnicas é a inclusão de equipas cinotécnicas nas FND para TO internacionais. Segundo os entrevistados, o emprego de binómios cinotécnicos por parte de outros países nas últimas décadas permitiu validar e comprovar os contributos que esta valência pode oferecer a uma força de combate (E1; E2).

5.2. Combate em Áreas Urbanas – OTAN e outros

O Combate em Áreas Urbanas assume um papel preponderante nos conflitos modernos, na medida em que qualquer TO atual obriga a que as Forças projetadas incluam no seu treino operacional a capacidade de operar em AU (Polho, 2016). Aliado a este facto, a OTAN sugere que “se a Aliança pretende ser bem-sucedida num futuro conflito urbano, a adaptação não é uma opção, mas sim uma obrigatoriedade” (2016, p. 7).

Neste âmbito, países como o Reino Unido, a Espanha e a França têm procurado adicionar um complemento ao seu PotComb através do emprego e integração do binómio cinotécnico no CAU. De acordo com os militares estrangeiros entrevistados, o binómio cinotécnico constitui uma mais-valia para qualquer Comandante de uma força de combate, nomeadamente em situações que exijam o uso de uma arma não letal. Com base na sua experiência operacional, os entrevistados assinalaram várias vantagens e desvantagens para o uso do binómio cinotécnico no CAU, concluindo, porém, que as vantagens ultrapassam as desvantagens (Atentar ao quadro que se segue) (E9; E10; E11).

Quadro nº 5 – Quadro de síntese das vantagens e desvantagens do emprego do binómio cinotécnico no CAU

Vantagens	<u>E9:</u> “Está provado que os Cães de Patrulha diminuem os índices de baixas em unidades a operar em AU.” “Eles são capazes de detetar prematuramente pessoas que se encontram escondidas durante o período diurno quando a <i>situational awareness</i> é mais difícil ou mesmo em ambiente subterrâneo.”
	<u>E10:</u> “O principal benefício é o tempo que poupa” “O uso de cães auxilia a dissuasão, deteção e neutralização a curtas distâncias de indivíduos armados” “os recursos caninos (...) fornecem um apoio decisivo na proteção e segurança da força.” “Nas OU, eles substituem todos os meios que não podem ser usados neste ambiente.”
	<u>E11:</u> “O binómio de busca e deteção de IED aumenta a segurança da força em movimento, através da sua capacidade de detetar armadilhas, possibilitando um menor tempo de exposição à unidade.” “Os binómios de intervenção apoiam tanto na limpeza de edifícios perante inimigos entrancheados, no assalto a posições defensivas inimigas e na busca e neutralização de atiradores especiais, devido à sua capacidade de confundir os inimigos.” “Os nossos cães também podem executar missões em ambientes subterrâneos se necessário.”
Desvantagens	<u>E10:</u> “Manter o cão debaixo de olho, embora a tecnologia nos permita manter o contacto com o cão mesmo que este não esteja próximo do tratador”
	<u>E11:</u> “As altas temperaturas e os locais com alta concentração de pó podem condicionar as capacidades do Cão.”

Fonte: Elaboração própria

O CMCD, em Espanha, é responsável pelo treino, integração e emprego de equipas cinotécnicas com Forças de Combate de Infantaria e subunidades de sapadores. Para tal, recorrem à especialidade do binómio de intervenção e do binómio de busca e deteção de IED. Atualmente, esta unidade cinotécnica está a desenvolver um projeto a fim de validar o binómio de dupla valência para executar operações em AU com a valência de uso da força e da busca e deteção de IED. Ao contrário do EP, o CMCD tem experiência operacional no

que respeita à projeção de equipas cinotécnicas para TO no estrangeiro, tanto no âmbito da busca e deteção de estupefacientes como na busca e deteção de IED (E11). Dispõem ainda de manuais doutrinários que tratam de procedimentos para a atuação dos binómios cinotécnicos em AU (*Empleo del perro en defensa y seguridad: técnicas de adiestramiento e instrucción del guía canino*).

No Reino Unido, no *102nd MWD Squadron* o uso de Cães Militares no CAU é uma ferramenta válida e testada em TO internacionais. Como tal, as equipas cinotécnicas são empregues em todo o espetro das operações, nomeadamente enquanto capacidade não letal. Neste âmbito, a projeção de forças britânicas para o aeroporto de Cabul no Afeganistão, em 2021, incluiu várias equipas cinotécnicas, tanto na especialidade de Cão Patrulha como de Cão de busca e deteção de armas e explosivos. De acordo com o (E11), os cães não necessitaram de qualquer período de adaptação e mostraram ser eficazes no cumprimento das tarefas que lhes foram incumbidas.

Relativamente à Cinotecnia no âmbito nacional, importa salientar a utilização de equipas cinotécnicas em OU, nomeadamente no que concerne às missões da Marinha e da GNR. Por um lado, a Marinha encontra-se numa fase embrionária no que respeita à integração de binómios cinotécnicos em forças de operações especiais. O NCCF encontra-se a cooperar com o DAE a fim de validar o binómio cinotécnico com a especialidade de Intervenção Tática, com o intuito de integrar OU, entre outras. Neste sentido, esta unidade cinotécnica faz uso dos apurados sentidos do cão, nomeadamente o olfato, a audição e a visão, a fim de conferir à força de combate em que está inserida uma maior capacidade para a deteção da ameaça em certos cenários táticos. Além disso, o (E4) salienta a importância do emprego do binómio cinotécnico para situações nas quais o comandante se veja obrigado a usar meios não letais para neutralizar a ameaça.

Por outro lado, e conforme mencionado anteriormente, o GIC encontra-se a desenvolver uma formação específica a fim de capacitar o binómio cinotécnico a operar em ITP com o GIOE. Nesta tipologia de operações em AU, e com base na sua experiência operacional, o (E4) defende que o binómio cinotécnico é um efeito multiplicador do PotComb, dado que garante o efeito surpresa à força que acompanha e permite uma maior rapidez na deteção da ameaça. Adicionalmente, o uso da técnica de batida de açaimo garante ao comandante o uso de uma arma não letal na neutralização da ameaça. Esta técnica torna-se indispensável perante uma situação que envolva reféns, uma vez que previne eventuais danos colaterais que possam ser causados inadvertidamente a qualquer um dos reféns.

5.3. Teatro de Operações da República Centro-Africana

De acordo com os comandantes das UEP entrevistados, a QRF portuguesa que participa na MINUSCA desde 2017, “à ordem, executou missões atribuídas pelo Comandante Militar da MINUSCA em qualquer região da Área de Operações, contribuindo para a estabilização, segurança e controlo do território da República Centro-Africana, com o objetivo de proteger a população” (E5; E6; E7; E8). A fim de conduzir as operações que lhes foram atribuídas, executaram um conjunto de tarefas táticas que se encontram em consonância com as referidas no Enquadramento Teórico.

Os principais desafios inerentes à projeção para o TO da RCA, nomeadamente nas 4^a, 5^a, 7^a, 10^a e 11^a FND, incluíram a exigência em comandar e liderar homens sob o clima adverso que é característico do país, o número elevado de projeções da força para diferentes áreas do TO que implicava a realização de múltiplos altos de segurança ao longo dos itinerários, e todas as ações de combate que se desenvolveram em combate efetivo contra o inimigo. Importa salientar que apesar das UEP se encontrarem subordinadas a uma Unidade Escalão Companhia, foram atribuídas missões específicas e isoladas aos comandantes de pelotão de forma a concorrerem para a missão do escalão superior (E5; E6; E7; E8).

No âmbito do combate e das operações em AU que cada entrevistado conduziu, a presente investigação reuniu um conjunto de tarefas nas quais cada comandante de UEP considera pertinente integrar o binómio cinotécnico numa Força de Combate (E5; E6; E7; E8):

Tabela nº 2 – Enumeração de Tarefas Táticas que o binómio cinotécnico pode executar numa Força de Combate

Tarefas Táticas – Binómio Cinotécnico	
Entrada e limpeza de compartimentos	Segurança ao perímetro da Força
Segurança a pontos sensíveis	Escolta a altas entidades
Controlo de tumultos	Operações de cerco e busca
Patrulhas apeadas	Busca e deteção de estupefacientes, explosivos, armamento e munições
Demonstração de força	Deteção, perseguição e neutralização de indivíduos hostis
<i>Close-quarters battle</i>	Segurança a infraestruturas críticas

Fonte: Elaboração própria

O quadro acima apresentado, permite-nos inferir o número abrangente de tarefas nas quais o binómio cinotécnico pode ser empregue para o CAU integrado numa força de combate no TO da RCA. Com base na experiência operacional de cada um dos comandantes das UEP, sejam estes Comandos ou Paraquedistas, destacam-se as seguintes vantagens associadas à utilização de equipas cinotécnicas na execução das tarefas táticas previamente enunciadas (E5; E6; E7; E8):

- Na limpeza de compartimentos, o binómio cinotécnico confere mais agressividade e velocidade na abordagem ao compartimento e consequente neutralização da ameaça, caso se aplique;
- A presença do canídeo funciona como um elemento dissuasor e intimidante para qualquer indivíduo hostil;
- Num cenário de tentativa de fuga de uma ameaça, a utilização do binómio cinotécnico permite uma perseguição e consequente imobilização com recurso a armamento letal e não letal, consoante a técnica empregue;
- Na execução de tarefas de segurança a perímetros, áreas, pontos sensíveis, entre outros, o binómio tem uma maior capacidade de alerta em comparação com os humanos, nomeadamente, na deteção de ameaça em ambiente noturno ou em aproximações da ameaça por zonas mortas ou não vistas;
- Os sentidos apurados dos cães militares permitem executar tarefas de busca e deteção de estupefacientes, armas e explosivos num período muito menor aos humanos, o que confere uma clara vantagem à força de combate em questão;
- O uso do binómio cinotécnico materializa mais uma capacidade que se encontra ao dispor do comandante, sendo que pode ser empregue em todo o espectro de operações militares e apoiar qualquer tipo de unidade no cumprimento da missão.

Por outro lado, são identificados três inconvenientes no que respeita a esta possibilidade de emprego. Em primeiro lugar, os (E6; E8) referem que o comandante deve ter em conta os constrangimentos legais inerentes ao emprego do binómio cinotécnico numa situação de combate efetivo, nomeadamente numa situação que envolva combatentes e não combatentes, na qual o principal objetivo é mitigar o risco do canídeo ferir os não combatentes. Aliado a este inconveniente, a maioria dos entrevistados destaca as implicações inerentes ao apoio logístico necessário para garantir a projeção e manutenção dos canídeos

no TO da RCA. Neste sentido, destaca-se a falta de condições atuais no que respeita ao transporte do binómio dentro das viaturas táticas das forças de combate, assim como a inexistência de procedimentos que prevejam a respetiva integração numa coluna militar. Adicionalmente, os (E5; E6) salientam que as altas temperaturas que se fazem sentir no TO da RCA podem condicionar a atuação do binómio cinotécnico, nomeadamente através da diminuição de tempo útil de trabalho de cada equipa cinotécnica.

Atendendo à nova ameaça *IED* que surgiu no TO da RCA, e conforme identificado no Enquadramento Teórico, o (E1) assinala que a 13ª FND portuguesa para a MINUSCA irá ser responsável por garantir o cumprimento da tarefa tática de *route clearance*²¹. De acordo com o especialista cinotécnico do PelCino (E1), e face a esta nova ameaça no TO da RCA, o EP deve considerar o possível emprego do binómio cinotécnico na especialidade de busca e deteção de explosivos, na medida em que pode contribuir significativamente para mitigar o risco e conferir uma maior capacidade de deteção de explosivos à força de combate.

²¹ Esta tarefa tática está incluída num conjunto de procedimentos e medidas (*C-IED*) que são colocadas em prática a fim de fazer face à ameaça *IED* (EDA, s.d.).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A presente investigação aborda a formação, o emprego e a integração do binómio cinotécnico no CAU no TO da RCA. Com o presente estudo de caso conseguimos compreender os diferentes contributos que as equipas cinotécnicas do EP têm a oferecer a uma força de combate, nomeadamente na atuação das FND portuguesas na MINUSCA.

A fim de garantir um fio condutor da investigação que permitisse atingir os objetivos inicialmente delineados, o trabalho de campo consistiu em 11 entrevistas a diferentes especialistas nas áreas da Cinotecnia, do CAU e no TO da RCA. Com base nos dados recolhidos das entrevistas realizadas, foi possível compreender o atual estado da arte da Cinotecnia nas FFAA e na GNR, assim como em outros países que fazem parte da OTAN, nomeadamente, a Espanha, o Reino Unido e a França.

Adicionalmente, procurámos compreender de que forma os diferentes entrevistados avaliam o emprego de equipas cinotécnicas no CAU e, conseqüentemente, no TO da RCA. Este trabalho de investigação permitiu entender quais seriam as vantagens e os inconvenientes da integração do binómio cinotécnico numa força de combate para o CAU na RCA, assim como, a atual capacidade das unidades cinotécnicas portuguesas em formar, empregar e integrar as suas equipas cinotécnicas numa unidade a constituir a QRF da MINUSCA.

A estratégia de investigação adotada permitiu inferir a informação necessária a fim de atingir os objetivos de investigação previamente definidos e responder às questões de investigação.

Começando por abordar a **PD1: “Quais as funções e missões atribuídas à cinotecnia no Exército Português?”**, o atual contexto operacional das unidades cinotécnicas diz-nos que a especialidade cinotécnica é colocada de parte no âmbito da projeção de forças para TO no estrangeiro. Um dos problemas levantados durante esta investigação, e que evidencia a ausência de investimento nesta valência, diz respeito à falta de efetivo de cães-deos e militares no PelCino e no ModCino que, por sua vez, condiciona todo o treino e formação dos binómios cinotécnicos. Por outro lado, constata-se que uma parte considerável dos Cães Militares ao dispor do EP não se encontram sequer aptos a operar (E1, E2). No decorrer da investigação foram apresentadas medidas destinadas a colmatar as vulnerabilidades anteriormente enunciadas, nomeadamente, a criação de quadros permanentes para os operadores cinotécnicos a fim de manter por um longo período os especialistas na instituição e uma maior aposta em formações especializadas no âmbito da Cinotecnia no

EP (E2, E3).

É de salientar que a maioria das missões atribuídas à cinotecnia dizem respeito a ações de divulgação e demonstrações de capacidades, sendo que a única vez que foram empregues em Operações no exterior do TN foi na Guerra do Ultramar, há mais de 40 anos. Como tal, e apesar do PelCino dispor dos denominados Cães de Guerra, estes não têm sido utilizados para tal, mesmo tendo em conta que muitos países do quadro geopolítico internacional o fazem com sucesso. Caso o emprego operacional das equipas cinotécnicas venha a materializar-se num futuro próximo, a Cinotecnia no EP tem ao seu dispor binómios nas especialidades da dupla valência, guarda e sentinela, busca e salvamento, deteção de estupefacientes e uso da força.

Relativamente à **PD2: “Quais as limitações do Exército Português no que respeita à doutrina aplicada ao emprego de Cães Militares no Combate em Áreas Urbanas?”**, a resposta é clara, na medida em que atualmente não existem quaisquer instrumentos doutrinários aplicados ao emprego dos binómios cinotécnicos no CAU no EP. Contudo, verificámos que em Portugal tanto a GNR, através do GIC, como a Marinha, por meio do NCCF, traçaram o objetivo, individualmente, de reunir toda a informação necessária para criar TTP aplicadas ao emprego de equipas cinotécnicas no CAU. O presente TIA deu a conhecer várias unidades cinotécnicas estrangeiras que possuem, atualmente, doutrina aplicada ao emprego operacional de Cães Militares.

No que concerne à **PD3: “De que modo o binómio cinotécnico é utilizado para o Combate em Áreas Urbanas em outros países e organizações?”** efetivamente, o binómio cinotécnico é utilizado para o CAU, nomeadamente nas unidades que foram analisadas, das quais se destacam: o GIC da GNR, o 102nd MWD Squadron, o 132e Régiment d’Infanterie Cynotechnique e o CMCD. De acordo com a maioria dos entrevistados, a integração do binómio cinotécnico numa Força de Combate para o CAU constitui um efeito multiplicador do PotComb, dado que os benefícios associados ao seu uso ultrapassam consideravelmente os inconvenientes associados (E3; E4; E9; E10; E11).

De um modo geral, os entrevistados referem que o uso de equipas cinotécnicas confere uma maior proteção e segurança à força em OU, por meio da sua capacidade de dissuasão, deteção e neutralização de elementos hostis e da sua capacidade de deteção de estupefacientes, engenhos explosivos e armas, podendo deste modo salvar vidas humanas. Aliado a estas questões, o binómio cinotécnico materializa uma viável capacidade não letal a ser empregue em situações com ROE restritivas (E3; E4; E9; E10; E11).

Tendo por base o emprego operacional dos respetivos binómios em TO no estrangeiro, verificamos que existem países pertencentes à OTAN que já empregaram, integraram e projetaram binómios cinotécnicos em Forças de Infantaria, Tropas Especiais e unidades de Sapadores. É de salientar o uso de equipas cinotécnicas na RCA por parte dos franceses no âmbito da proteção do depósito de munições, que permitiu à força francesa poupar tempo, recursos e mais homens para o cumprimento desta tarefa. Também o Reino Unido projetou equipas cinotécnicas para o Afeganistão no âmbito da busca e deteção de explosivos e armas como no controlo de tumultos, a fim de permitir a retirada com segurança dos afegãos do próprio país (E9; E10).

A nível nacional o GIC utiliza binómios de Intervenção Tática em ITP, tanto em AU como em ambiente rural. Neste sentido, reforça-se a vantagem do emprego do binómio cinotécnico em operações com ROE restritivas, dado que quando é necessário neutralizar a ameaça com uma arma não letal, o uso do binómio torna-se uma mais-valia para o comandante da força. Atendendo às lições aprendidas por parte do GIC, existe a convicção de que o binómio cinotécnico constitui um complemento ao PotComb das unidades que integra, na medida em que é insubstituível pela tecnologia (E3).

No que respeita à **PD4: “Quais as vantagens e limitações do emprego do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas na República Centro-Africana?”**, é evidente que, tanto os militares das unidades cinotécnicas do EP, como os comandantes de Unidades Escalão Pelotão (UEP) que integraram FND para o TO da RCA, reconhecem um número significativo de vantagens do emprego do binómio em comparação com os inconvenientes que lhe estão associados (E1, E2, E5, E6, E7, E8).

Os especialistas cinotécnicos do EP e os comandantes das UEP, afirmam que o binómio pode apoiar a força na execução das tarefas táticas atribuídas às FND, nomeadamente, na entrada em compartimentos em OU, na perseguição e neutralização de elementos hostis em fuga, na dissuasão da ameaça, no reforço de segurança de área e perímetro, na execução de escoltas a altas entidades e na proteção de infraestruturas importantes. Além disso, realçam o efeito moral positivo que o Cão confere às forças destacadas (E1, E2).

Contudo, importa referir que ambos os militares do ModCino e PelCino apontaram o apoio logístico inerente à projeção de equipas cinotécnicas para o estrangeiro como o principal inconveniente. Este inconveniente, deve-se à falta de experiência operacional das unidades em TO no estrangeiro, sendo que os entrevistados sugerem um levantamento de necessidades no âmbito do apoio veterinário, material e equipamento a ser usado pelo bi-

nómio cinotécnico, infraestruturas necessárias para acolher o cão e implicações para o transporte do Cão na condução das operações (E1, E2).

As altas temperaturas que se fazem sentir no TO da RCA, constituem também uma preocupação por parte dos entrevistados, dado que esta condicionante pode afetar o tempo de atuação do binómio cinotécnico sem necessitar de fazer uma pausa e afetar as suas capacidades de cumprir as tarefas que lhe estão atribuídas. No entanto, o (E2) refere o uso de equipas cinotécnicas na RCA por parte de forças francesas, no qual o clima não constituiu um obstáculo impeditivo para a atuação dos Cães (E1; E2; E5; E6).

Por fim, e tendo em conta a obrigatoriedade de cumprir as ROE em vigor na MINUSCA, é pertinente acrescentar mais uma capacidade não letal ao leque de possibilidades do comandante, sendo que existem várias tarefas nas quais o binómio cinotécnico contribui eficazmente para o seu desempenho, tais como: a limpeza de áreas edificadas, o controlo de tumultos, o patrulhamento apeado nas cidades, a segurança a campos inopinados ao longos dos itinerários e a demonstração de força. Além destas tarefas, durante a investigação foi possível constatar que surgiu um novo tipo de ameaça no TO, nomeadamente através do uso de IED por parte dos Grupos Armados. Novamente, e de acordo com os comandantes de subunidades cinotécnicas do EP, o EP tem ao seu dispor binómios capazes de executar as tarefas de *route clearance* a fim mitigar o risco associado aos militares especialistas na deteção destes engenhos explosivos.

Quanto à última PD, a **PD5: “Como pode o Exército Português potencializar o uso do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas?”**, vários entrevistados sugerem que o ponto de partida para potencializar a especialidade cinotécnica no EP, deve incluir uma sensibilização por parte da instituição para as capacidades e possibilidades do emprego de binómios cinotécnicos no CAU. Para tal, devem ser tomados como exemplo outros países da OTAN que já comprovaram no terreno, em TO do Afeganistão entre outros, que o emprego dos binómios cinotécnicos contribuem significativamente para o cumprimento das suas missões.

Conforme sugerem os entrevistados, a inexistência de TTP orientadas para o uso da especialidade cinotécnica no CAU prejudica a potencialização desta capacidade. Inicialmente, é necessário criar e estabelecer procedimentos com vista à integração dos binómios cinotécnicos nas forças de assalto, nomeadamente nas tropas especiais do EP. De seguida, e de acordo com o (E2) é pertinente criar um Guia do Comandante a fim de disponibilizar ao Comandante de uma Força de Assalto uma ferramenta que apoie a integração e emprego do binómio cinotécnico.

Assim, em resposta à **PP: “De que forma a cinotecnia no Exército Português pode formar, integrar e empregar o binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas e na República Centro-Africana?”**, e tal como referido no decorrer da investigação, é pertinente delinear as medidas a tomar com base em três vertentes distintas: no quadro da Especialidade Cinotécnica do EP, no âmbito da integração do binómio cinotécnico em forças de combate no CAU e no caso específico do TO da RCA.

No âmbito da Cinotecnia no EP, importa colmatar as principais vulnerabilidades identificadas no decorrer do presente estudo, nomeadamente, a falta de efetivo de militares e canídeos nas unidades cinotécnicas do EP, a falta de tempo disponível para garantir uma formação contínua e eficaz dos binómios cinotécnicos e a falta de uma aposta efetiva no emprego operacional das equipas cinotécnicas. No que diz respeito ao efetivo de militares das unidades cinotécnicas, é apresentada uma proposta que diz respeito à criação de um quadro permanente de especialistas cinotécnicos que permita manter estes militares no EP por um período maior. Caso este obstáculo seja ultrapassado, e se os tratadores de cães forem empenhados, somente em missões no âmbito da cinotecnia, garante-se uma formação contínua e eficaz das respetivas equipas cinotécnicas. Por fim, urge haver uma sensibilização para o emprego da Cinotecnia no EP, além das demonstrações de capacidades e ações de divulgação, e tomar como exemplo o sucesso que outras instituições e países da OTAN alcançam através do emprego operacional de binómios cinotécnicos em TO internacionais.

No que concerne à integração do binómio cinotécnico em forças de combate no CAU, nos quais se incluem forças de tropas especiais, sejam estes Comandos ou Paraquedistas, foi possível verificar que no EP não existe um treino contínuo nem orientado para o CAU com todas estas forças. Novamente, nesta investigação constatou-se a importância do treino que deve existir para a integração do binómio cinotécnico com a força em que este se vai empregar, nomeadamente através do exemplo do GIC com o GIOE da GNR. Para além disso, é essencial a criação de doutrina aplicada ao emprego do binómio cinotécnico no CAU, sob a forma de TTP a fim de estabelecer e consolidar procedimentos de atuação das equipas cinotécnicas com as forças de combate e vice-versa.

Por fim, e considerando os contributos dos militares que já comandaram UEP no TO da RCA, é evidente que a integração dos binómios nas forças de combate portuguesas na RCA constitui um efeito multiplicador do PotComb da força e materializa mais uma arma não letal à disposição do comandante. Porém, importa assinalar dois inconvenientes deste emprego que são a falta de experiência no apoio logístico inerente à projeção e ma-

nutrição dos Canídeos para um TO internacional, e as altas temperaturas de certas regiões da RCA que podem condicionar a atuação do Canídeo. Ainda assim, e dado que forças francesas já utilizaram binómios cinotécnicos no TO da RCA não se prevê que esta condicionante seja impeditiva para a projeção bem sucedida das equipas cinotécnicas para este país.

Uma das limitações da investigação concerne à estratégia de investigação adotada, na medida em que o estudo de caso não estabelece a fundamentação necessária para a generalização científica (Yin, 2003). Outra das limitações foi a dificuldade em recolher documentação organizacional nas unidades estrangeiras em análise, devido a restrições no âmbito da segurança e confidencialidade.

Sugerimos aprofundar questões relacionadas com a integração de binómios cinotécnicos em unidades de engenharia vocacionadas para a inativação de IED, nomeadamente, nos módulos de engenharia que se prevê que integrem as futuras FND para o TO da RCA. Adicionalmente, consideramos pertinente aprofundar a temática da organização e estruturação da Cinotecnia no EP em comparação com unidades internacionais, com o objetivo de entender possíveis práticas e medidas a implementar que potencializem a presente especialidade nas FFAA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. S. & Freire, T. (1997). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Baleizão, R. (2011). Os Constrangimentos Legais ao Emprego da Artilharia nas Operações em Áreas Edificadas. *Revista Militar*, nº 2508, 49-82.
- British Army (2023). *1st Military Working Dog Regiment*. Acedido a 1 de abril de 2023 em <https://www.army.mod.uk/who-we-are/corps-regiments-and-units/army-medical-services/royal-army-veterinary-corps/1st-military-working-dog-regiment/>
- Campos, L., Santos, J., Vieira, N. e Silva, Y. (2016). *O conflito na República Centro-Africana*. Séries Conflitos Internacionais V. 3, nº1.
- Carreira, J. M. (2004). *O Direito Humanitário, As Regras de Empenhamento e a Condução das Operações Militares*. Edições Culturais da Marinha.
- CIA (2023). *Central African Republic*. Acedido a 1 de abril de 2023 em <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/central-african-republic/>.
- Canadian Army (2008). *Dispatches - Lessons Learned for Soldiers*. Interior Close Quarters Battle (ICQB) Tactics, Techniques and Procedures.
- Cohen, M. & Nagel, E. (1971). *Introducción a la lógica y al método científico*. 2ª Edição. Amorrortu.
- Dictionary, M.-W. (2002). Merriam-webster. Acedido a 1 de abril de 2023 em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/war%20dog>
- Dragicevich, C. J., Jones, J. C., Bridges, W., & Dunn, H. (2020). Computed tomographic measures of funnel-shaped lumbar vertebral canal and articular process dysplasia malformations differ between German Shepherd and Belgian Malinois military working dogs. *Frontiers in Veterinary Science*, 7, 275.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2018). *República Centro-Africana - O que aprendemos*- Divisão de Doutrina, Normalização e Lições Aprendidas.
- Estado-Maior General das Forças Armadas [EMGFA] (2016). *Diretiva Operacional nº 35 - Participação nacional na MINUSCA*. EMGFA.
- European Defence Agency [EDA] (s.d.). Counter-IED. Acedido a 1 de abril 2023 em <https://eda.europa.eu/what-we-do/all-activities/activities-search/counter-ied>
- Exército Português (2011). *PDE 3-07-14 Manual de Combate em Áreas Edificadas*. Ministério da Defesa Nacional.

- Exército Português (2012). *PDE 3-00 Operações*. Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português (2020). *PDE 0-20-18 Cães Militares*. Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português (2023). Direção de Saúde. Acedido a 1 de abril de 2023 em <https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/cmdpess/ds/ummv>
- Freixo, M. J. V. (2011). *Metodologia científica - Fundamentos, métodos e técnicas*. Instituto Piaget.
- Fund For Peace (2022). Fund For Peace. <https://fundforpeace.org/>
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*. Principal Editora.
- Haro, F., Serafim, J., Cobra, J., Faria, L., Roque, M., I., Ramos, M., & Costa, R. (2016). *Investigação em ciências sociais: Guia prático do estudante*. Pactor.
- Hémez, R. (2017). A Operação Sangaris - Um Estudo de Caso sobre Intervenção Militar Limitada. *Military Review*.
- Instituto de Estudos Superiores Militares [IESM] (2016). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. IESM.
- Lombard, L. (2016). *State of Rebellion - Violence and Intervention in the Central African Republic*. 1ª Edição. Zed Books.
- Marinha (2023). *Cinotécnia*. Acedido a 1 de abril de 2023 em https://fuzileiros.marinha.pt/pt/como_fazemos/fuzileiros/Paginas/cinotecnia.aspx
- Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2016). *Qualitative Research A guide to design and implementation*. Jossey-Bass.
- Mills, A., Eurepos, G. & Wiebe, E. (2010). *Encyclopedia of case study research - Volume 1*. Sage Publications, Inc.
- Ministère des Armées (2018). *Annexe 1: Le Renfort Cynotechnique de l'Armee de Terre em Zone Urbaine*. Ecole de l'Infanterie.
- Ministerio de Defensa (2013). *Empleo del perro en defensa y seguridad: técnicas de adiestramiento e instrucción del guía canino*. Ministerio de Defensa.
- Ministerio de Defensa (2023). *Centro Militar de Veterinaria de la Defensa*. Acedido a 1 de abril de 2023 em https://www.defensa.gob.es/cemilvetdef/CEMILCANDEF/especialidades_caninas/
- Melão, N. & Reis, J. (2012). Desenho e controlo de serviços multicanal: Um estudo de caso de um banco português. *Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa*. 11(4), 59-69.
- Mey, W., Schuh-Renner, A., Anderson, M. K., Stevenson-LaMartina, H., & Grier, T.

- (2020). Risk factors for injury among military working dogs deployed to Iraq. *Preventive Veterinary Medicine*, 176, 104911.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (1990). *Técnicas de pesquisa*. Atlas.
- NATO (2016). NATO Urbanisation Conceptual Study.
- NATO (2020). *K9 Military Working Dogs*. Acedido a 1 de abril de 2023 em https://jfcnaples.nato.int/systems/file_download.ashx?pg=7581&ver=6.
- O'Neil, R. (2018). *The Operator*. Simon & Schuster Ltd.
- Organização das Nações Unidas [ONU] (2020). Strategic Force Generation and Capability Planning Cell. Department of Peace Operations. <https://pcrs.un.org/Lists/Resources/Forms/AllItems.aspx>
- ONU (2023). *Report of the Secretary-General on the Central African Republic*. Acedido em 1 de abril de 2023 em <https://minusca.unmissions.org/en/s2023108-report-secretary-general-central-african-republic>
- Regional Command (2011). Standard Operating Procedures 3402 - Tactical Use of IED Detector Dogs.
- Rosado, D. P. (2017). *Elementos Essenciais de Sociologia Geral*. Gradiva.
- Pinto, T. (2013). A Cinotecnia da Guarda. *Pela Lei e Pela Grei*, 26-31.
- Polho, J. (2016). Stage Traintant Azur. *Armas Combinadas*. (N.º 3), 26-35.
- Prodanov, C. & Freitas, E. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico*. 2ª Edição. Editora Feevale.
- Santos, L. A. B., do Vale Lima, J. M. M., Garcia, F. M. G. P. P., Monteiro, F. T., da Silva, N. M. P., dos Santos, R. J. R. P., Afonso, C. F. N. L. D., da Piedade, J. C. L., Laranjo, P. J. F., & de Almeida Fachada, C. P. (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. Cadernos do IUM.
- Saramago, J. M. B., Batista, L. A., Costa, T. J. M. (2019). *A participação do Exército em Forças Nacionais Destacadas: Casos do Kosovo, Afeganistão e República Centro-Africana. Vertente Operacional e Logística*. Cadernos do IUM.
- Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2009). *Research Methods for Business Students*. 5ª Edição. Pearson Education.
- Soeters, J., Fenema, P., & Beeres, R. (2010). *Managing Military Organizations*. In *Managing Military Organizations*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203857106>
- Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*. Lidel.

- Spinella, G., Tidu, L., Grassato, L., Musella, V., Matarazzo, M., & Valentini, S. (2022). Military Working Dogs Operating in Afghanistan Theater: Comparison between Pre- and Post-Mission Blood Analyses to Monitor Physical Fitness and Training. *Animals*, *12*(5), 617.
- US Army. (2005). Field Manual 3- 19.17 Military Working Dogs.
- US Army (2011). Army Tactics, Techniques, and Procedures 3-39.34 Military Working Dogs.
- US Marine Corps (2017). Army Techniques Publication 3-06 Urban Operations.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: o Processo de Construção do Conhecimento*. Edições Sílabo.
- Yin, R. K. (2003). *Case study research_ Design and methods*. Vol. 5.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO CONCETUAL

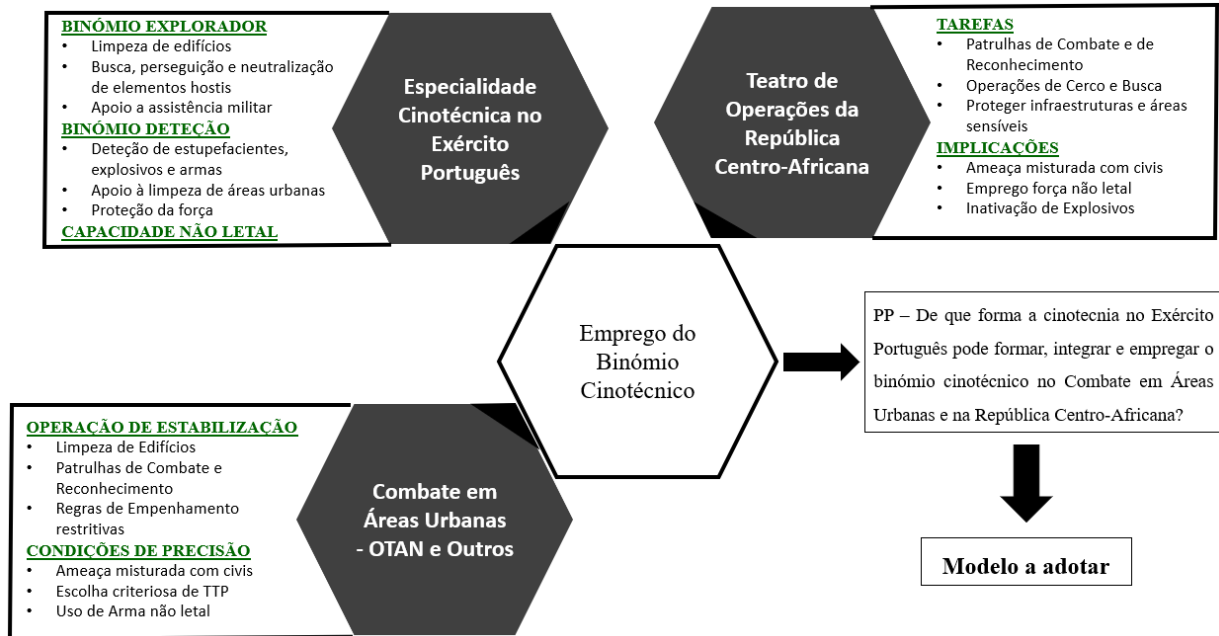


Figura nº 4 – Modelo Concetual

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE B – GUIÃO DE ENTREVISTA A

GUIÃO DE ENTREVISTA A



ACADEMIA MILITAR

O Emprego do Binómio Cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas – Estudo de Caso: República Centro-Africana

Autor: Aspirante de Infantaria João Nuno Gomes da Costa Matos

Orientador: Major de Medicina Veterinária Rafael Mendonça

Coorientador: Capitão de Cavalaria Gilberto Fernandes

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023

Identificação do Entrevistado:

Nome:

Posto:

Função:

Informação Fornecida ao Entrevistado:

Tema da Entrevista: O emprego do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas: estudo de caso para a República Centro-Africana.

Objetivo Geral da Investigação: Perceber de que modo o Exército Português pode formar e empregar o binómio cinotécnico e integrá-lo numa força de combate para atuar em áreas urbanas, nomeadamente no Teatro de Operações da República Centro-Africana. Engloba os seguintes objetivos específicos:

- **OE 1** = Identificar as capacidades e limitações da cinotecnia no Exército Português;
- **OE 2** = Estudar o emprego da cinotecnia no Combate em Áreas Urbanas por parte de outros países e organizações;
- **OE 3** = Estudar a possibilidade de emprego do binómio cinotécnico na RCA;
- **OE 4** = Reunir um conjunto de práticas e procedimentos com vista à utilização futura por parte do Exército Português.

A presente entrevista visa recolher o máximo de informação possível para a investigação. Assim sendo, é-lhe pedido que as suas respostas sejam o mais completas possíveis.

Questões:

1. Atualmente, qual é a constituição da Unidade Cinotécnica e quais as tarefas e especialidades que as mesmas desempenham?
2. Na última década, quais foram os empenhamentos e missões da Unidade X nas missões do Exército Português? E atualmente?
3. Como é realizado o processo de aquisição e treino dos cães militares?
 - a. A nível dos Recursos Humanos, como ocorre a atribuição dos tratadores aos Cães? Varia consoante a especialidade?

4. Existe algum treino específico para a realização de tarefas no Combate em Áreas Urbanas?
 - a. Quais os requisitos que o binómio deve possuir e as tarefas que estão aptos a realizar?
 - b. Existe doutrina aplicada ao emprego de equipas cinotécnicas no cumprimento dessas tarefas?
5. Considera pertinente a integração dos binómios cinotécnicos numa força de combate, nomeadamente na componente do CAU?
 - a. Atualmente, a Unidade X treina e opera com outras unidades do Exército Português?
6. Tendo em conta as valências atuais da cinotecnia no Exército Português, quais as vantagens e inconvenientes da projeção de binómios cinotécnicos para o Teatro de Operações da República Centro-Africana?
 - a. Atualmente, dispõem da capacidade para projetar equipas cinotécnicas para Teatros de Operações no estrangeiro?
 - b. Se não, quais os obstáculos que impedem o cumprimento desta capacidade?
7. Com base na sua experiência e em comparação com a atuação de forças estrangeiras, considera que existem medidas que devem ser implementadas na doutrina e emprego dos cães militares no Exército Português de forma a potencializar as suas capacidades cinotécnicas?

APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA B

**Guião de Entrevista B
Grupo de Intervenção Cinotécnico &
Núcleo Cinotécnico do Corpo de Fuzileiros**



ACADEMIA MILITAR

**O Emprego do Binómio Cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas –
Estudo de Caso: República Centro-Africana**

Autor: Aspirante de Infantaria João Nuno Gomes da Costa Matos

Orientador: Major de Medicina Veterinária Rafael Mendonça

Coorientador: Capitão de Cavalaria Gilberto Fernandes

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023

Identificação do Entrevistado:

Nome:

Posto:

Função:

Informação Fornecida ao Entrevistado:

Tema da Entrevista: O emprego do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas: estudo de caso para a República Centro-Africana.

Objetivo Geral da Investigação: Perceber de que modo o Exército Português pode formar e empregar o binómio cinotécnico e integrá-lo numa força de combate para atuar em áreas urbanas, nomeadamente no Teatro de Operações da República Centro-Africana. Engloba os seguintes objetivos específicos:

- **OE 1** = Identificar as capacidades e limitações da cinotecnia no Exército Português;
- **OE 2** = Estudar o emprego da cinotecnia no Combate em Áreas Urbanas por parte de outros países e organizações;
- **OE 3** = Estudar a possibilidade de emprego do binómio cinotécnico na RCA;
- **OE 4** = Reunir um conjunto de práticas e procedimentos com vista à utilização futura por parte do Exército Português.

A presente entrevista visa recolher o máximo de informação possível para a investigação. Assim sendo, é-lhe pedido que as suas respostas sejam o mais completas possíveis.

Questões:

1. Atualmente, qual é a constituição da Unidade Cinotécnica e quais as tarefas e especialidades que as mesmas desempenham?
2. Na última década, quais foram os empenhamentos e missões da Unidade X nas missões em prol das FFAA e das Forças de Segurança? E atualmente?
3. No âmbito do treino e emprego para o Combate em Áreas Urbanas, quais são as especialidades e requisitos que o binómio cinotécnico tem de possuir?

- a. Atualmente, dispõem de doutrina que trate de todo o tipo de tarefas que executam no Combate em Áreas Urbanas?
 - b. Como é que funciona o treino e integração do binómio com outras unidades?
4. Quais os principais benefícios e obstáculos à utilização do binómio em Áreas Urbanas?
5. Com base na sua experiência, quais foram as principais lições aprendidas sobre o emprego dos Cães integrados em outras unidades?
6. Em comparação com a atuação de outras unidades cinotécnicas, tanto nacionais como internacionais, considera que existem medidas que devem ser implementadas na doutrina e emprego dos cães militares nas FFAA e Forças de Segurança de forma a potencializar as suas capacidades cinotécnicas?

APÊNDICE D – GUIÃO DE ENTREVISTA C

Guião de Entrevista C – Cynotechnic Units (NATO countries)



MILITARY ACADEMY

Employment of Canine Teams in Urban Operations – Case Study: Central African Republic

Author: Infantry Officer Student João Matos

Mentor: Major Rafael Mendonça

Co-Mentor: Captain Gilberto Fernandes

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Applied Investigation Work's Scientific Report

Lisbon, May 2023

Interviewee:

Name:

Rank:

Job:

Information for the interviewee:

Theme of the interview: The employment of Canine Teams in Urban Operations: Case Study of Central African Republic.

Main Objective of the paper: Understand how the Portuguese Army can train and use the MWD teams and integrate them in a combat force to fight in Urban Operations, mainly in the Theatre of Operations in Central African Republic.

Specific Objective: Understand how other countries and organizations use the MWD in Military Operations in Urban Environment, including the US Army.

Questions:

I. Unit:

1. How many MWD does your unit have?
2. How many MWD are assigned to each handler?
3. Does each MWD have a specific skill?
 - a) Do you train dual purpose MWD, and which capabilities work better together?
4. Regarding Urban Operations, which tasks can your unit execute?
 - a) What are the main benefits and limitations in using MWD in an Urban Environment?
5. Can the MWD work on a full spectrum of operations?
6. Do you consider a MWD to be a non-lethal capability to be used in Military Operations?

II. MWD Handler:

- 7. How often do you train with your dog?**
 - a) How often do you train with other forces? With which ones?**
 - b) What are the main obstacles in training with other forces?**
- 8. In the field how does a MWD team fit in a Combat Force?**
 - a) What are the main procedures in place?**
- 9. If needed, can a MWD attack an enemy combatant while he is searching for explosives?**
 - a) What characteristics does that MWD must have?**
- 10. Regarding different climates, is there a specific training in place in order to operate in different Theatre of Operations?**

III. Field Experience:

- 11. In which operations and in which tasks have you employed the MWD?**
 - a) If applicable, how was the MWD Team integrated in the Combat Forces?**
- 12. Do you consider the MWD Teams were a force multiplier considering the mission in play? In which way?**
- 13. Were there any difficulties in the deployment of the MWD to the Theatre of Operations?**
- 14. From your experience, what were the main lessons learnt from using MWD teams in the field?**

APÊNDICE E – GUIÃO DE ENTREVISTA D

Guião de Entrevista D – Comandantes de UEP no Teatro de Operações da República Centro-Africana



ACADEMIA MILITAR

O Emprego do Binómio Cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas – Estudo de Caso: República Centro-Africana

Autor: Aspirante de Infantaria João Nuno Gomes da Costa Matos

Orientador: Major de Medicina Veterinária Rafael Mendonça

Coorientador: Capitão de Cavalaria Gilberto Fernandes

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023

Identificação do Entrevistado:

Nome:

Posto:

Função:

Informação Fornecida ao Entrevistado:

Tema da Entrevista: O emprego do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas: estudo de caso para a República Centro-Africana.

Objetivo Geral da Investigação: Perceber de que modo o Exército Português pode formar e empregar o binómio cinotécnico e integrá-lo numa força de combate para atuar em áreas urbanas, nomeadamente no Teatro de Operações da República Centro-Africana. Engloba os seguintes objetivos específicos:

- **OE 1** = Identificar as capacidades e limitações da cinotecnia no Exército Português;
- **OE 2** = Estudar o emprego da cinotecnia no Combate em Áreas Urbanas por parte de outros países e organizações;
- **OE 3** = Estudar a possibilidade de emprego do binómio cinotécnico na RCA;
- **OE 4** = Reunir um conjunto de práticas e procedimentos com vista à utilização futura por parte do Exército Português.

A presente entrevista visa recolher o máximo de informação possível para a investigação. Assim sendo, é-lhe pedido que as suas respostas sejam o mais completas possíveis.

Questões:

1. Qual foi a missão da X Força Nacional Destacada no Teatro de Operações da República Centro-Africana?
2. No âmbito do Combate em Áreas Urbanas, quais foram as tarefas táticas que a Força de Reação Rápida desempenhou?
 - a. Quais os principais desafios e lições aprendidas no cumprimento dessas tarefas?

3. Enquanto subalterno da arma de Infantaria realizou algum exercício ou treino operacional com unidades cinotécnicas?

b. Quais as tarefas que considera pertinente integrar o binómio cinotécnico numa Força de Combate?

c. Quais as vantagens e inconvenientes do seu emprego?

4. Tendo em conta a sua experiência no Teatro de Operações da República Centro-Africana e o contacto que teve com unidades cinotécnicas, de que forma avalia o emprego e integração do binómio cinotécnico numa Força de Combate para o TO da RCA?

5. Tem outros contributos que considere relevantes para a presente investigação?

APÊNDICE F - IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Quadro nº 6 – Identificação dos Entrevistados

Nº	Unidade	Posto / Função	Nome
E1	Pelotão Cinotécnico	1º Sargento / Cmdt 1ª Equipa de Patrulhas	Magalhães
E2	Módulo Cinotécnico	1º Sargento / Cmdt 1ª Equipa de Uso da Força	Leal
E3	Grupo de Intervenção Cinotécnico (GNR)	Major / Cmdt GIC	Brito
E4	Núcleo Cinotécnico do Corpo de Fuzileiros (Marinha)	1º Cabo / Tratador de Cães	Alvélos
E5	Batalhão de Comandos	Capitão / Cmdt 2º Grupo de Combate (5ª FND)	Amaral
E6	Batalhão de Comandos	Tenente / Cmdt 2º Grupo de Combate (10ª FND)	Pinho
E7	Batalhão de Infantaria Paraquedista	Tenente / Cmdt 2º Pelotão de Manobra (7ª e 11ª FND)	Cardoso
E8	Batalhão de Infantaria Paraquedista	Tenente / Cmdt 1º Pelotão de Manobra (4ª e 11ª FND)	Mota
E9	<i>102 MWD Squadron</i> (Reino Unido)	Corporal / Cmdt de Secção Patrulha	Jones
E10	<i>132e Régiment d'Infanterie Cynotechnique</i> (França)	Capitão / Especialista Cinotecnia	Watrin
E11	<i>Centro Militar Canino de la Defensa</i> (Espanha)	Cabo / Instrutor Binómio Cinotécnico Detecção IED	Alvarez

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE G - QUADRO DE RELAÇÃO ENTRE AS PERGUNTAS DERIVADAS E AS RESPOSTAS ÀS ENTREVISTAS

Quadro nº 7 – Relação entre as Perguntas Derivadas e as Citações dos Entrevistados

Perguntas Derivadas	Citações dos Entrevistados
<p>PD1 - Quais as funções e missões atribuídas à cinotecnia no Exército Português?</p>	<p>O PelCino tem 18 cães à sua responsabilidade, dos quais apenas 6 binómios cinotécnicos encontram-se operacionais. Estes 6 binómios cinotécnicos dividem-se nas seguintes especialidades: 1 binómio de busca e salvamento, 1 binómio de dupla valência (detecção de explosivos, odor humano e uso da força) e 4 binómios de guarda e sentinela. Neste momento, o PelCino é constituído apenas por 4 militares, sendo que os restantes homens que pertencem à unidade encontram-se destacados no TO da RCA. E1</p> <p>No que respeita às missões atribuídas ao PelCino, o pelotão é empregue, predominantemente, em ações de divulgação e demonstrações de capacidades em conjunto com os Batalhões de Infantaria Paraquedistas. Além disso, conduz as formações por si ministradas uma vez que o PelCino materializa a Entidade Primariamente Responsável pela Cinotecnia no Exército Português. E1</p> <p>O ModCino é composto por 1 Equipa de Detecção de Explosivos, 2 Equipas de Detecção de Estupefacientes e 3 Equipas de Uso da Força. Cada Equipa é constituída a 3 binómios. Isto em termos de Quadro Orgânico. E2</p> <p>Atualmente, o Módulo tem 13 canídeos, dos quais resultam 8 binómios constituídos e 5 canídeos que se encontram em processo de abate ao efetivo ou já não estão aptos a operar. Dos 8 binómios, temos 3 para uso da força e 5 para deteção de estupefacientes. Os 3 de uso da força têm as seguintes especialidades: CQB/limpeza de compartimentos, Detecção de odor humano e controlo de tumultos. 1 dos binómios encontra-se a treinar exclusivamente para integrar numa secção de assalto em CQB. E2</p> <p>A maioria dos empenhamentos do Módulo Cinotécnico dizem respeito a Demonstrações no âmbito das missões do Exército, Reforços de Segurança em apoio à Polícia do Exército e Buscas de estupefacientes em Unidades do Exército. E2</p> <p>À parte destes empenhamentos, destaco o emprego de Binómios do Uso da Força na Ota, no qual surgiu a necessidade de responder a uma situação de Desordem entre refugiados que tinham sido acolhidos em instalações da Força Aérea durante a pandemia do Covid-19. Nos últimos anos, surgiu ainda a oportunidade de fornecer apoio ao Curso de Comandos na Serra da Carregueira. E2</p>
<p>PD2 - Quais as limitações do Exército Português no que respeita à doutrina aplicada ao emprego de Cães Militares no Combate em Áreas Urbanas?</p>	<p>Não existem quaisquer NEP ou TTP que tratem do emprego de cães militares no CAU. E1</p> <p>Nos binómios de Uso da Força que estamos a treinar para a execução de tarefas em Áreas Urbanas, procuramos realizar tarefas, tanto a nível individual, como integrados numa Secção de Assalto. Contudo, não existe qualquer tipo de doutrina no EP no âmbito destas tarefas. E2</p>

<p>PD3 - De que modo o binómio cinotécnico é utilizado para o Combate em Áreas Urbanas em outros países e organizações?</p>	<p>No GIC empregamos os binómios de Intervenção Tática em Incidentes Tático Policiais, que incluem operações em áreas urbanas. Neste âmbito, procuramos características específicas no cão que são distintas de todo o outro tipo de operações que realizamos. Observamos se o cão tem a técnica correta de mordida, se o cão tem autonomia necessária para este tipo de tarefas, se o cão tem a capacidade de tomada de decisão num estado de elevada fadiga, se o cão reage da forma que pretendemos perante uma situação de ameaça ou medo, se o cão faz a transposição correta de obstáculos com que se pode deparar numa situação real, se o cão tem o tipo de instintos de defesa que consideramos essenciais para integrar o binómio cinotécnico em áreas urbanas, entre outras características específicas. E3</p> <p>Dispomos de vários documentos doutrinários que tratam esta matéria. Contudo, existe a intenção de reunir toda essa informação e criar TTP que tratem todo o tipo de situações especiais, nomeadamente, vocacionadas para Operações de Intervenção Tática. E3</p> <p>O emprego do binómio cinotécnico é um efeito multiplicador do potencial de combate e continua a representar uma mais-valia que é insubstituível pela tecnologia. Garante o efeito surpresa à força que acompanha o binómio, permite uma maior rapidez na localização da ameaça, dado que se a ameaça estiver escondida dentro de um compartimento o cão rapidamente faz a indicação da presença da ameaça. Permite a possibilidade de neutralizar a ameaça com uma arma menos letal, que não seja a batida de estocada. E3</p> <p>Existem alguns condicionantes quanto ao uso do binómio cinotécnico na busca e neutralização da ameaça em áreas urbanas. Numa situação na qual existam reféns presentes, procuramos recorrer à técnica de batida de açaimo, e evitar o recurso à mordida. Desta forma prevenimos um eventual dano colateral mais grave que possa ser causado nos reféns. E3</p> <p>Neste momento, estamos a desenvolver o Curso de Intervenção Tática e a reformular o processo de treino e integração dos binómios cinotécnicos com o Grupo de Intervenção de Operações Especiais. O Curso destina-se eminentemente à componente técnica a fim de capacitar o binómio cinotécnico a operar em situações de Intervenção Tática. O curso divide-se em três módulos: no primeiro módulo, com a duração previsível de um mês, pretende-se que seja realizado uma formação técnica do cão a fim de desenvolver as capacidades específicas para a realização de tarefas específicas; nesta fase, é realizado um trabalho orientado para a tarefa; por exemplo, o cão deve ser capaz de se manter em silêncio à entrada de um compartimento ou residência. No segundo módulo, com a duração previsível de duas semanas, é realizado um estágio de adaptação técnica com o GIOE a fim de treinar a Técnica Individual de Combate dos tratadores cinotécnicos; incorpora, por exemplo, a formação ao nível da Técnica de Tiro Individual e da formação de <i>Tactical Combat Casualty Care</i>. No terceiro e último módulo, é feita a integração do binómio cinotécnico com as equipas do GIOE em todas as valências das Operações Especiais com foco na dinâmica e treino conjunto. E3</p> <p>Atualmente, existe um esforço conjunto entre a Cinotecnia e a unidade de Operações Especiais da Marinha (DAE) no sentido de reconhecer e validar a valência de Intervenção Tática. E4</p> <p>Não existe doutrina nem TTP relativos ao emprego do binómio em Ambiente Urbano. Contudo, existe o esforço e a intenção de criar TTP em conjunto com Forças de Operações Especiais a fim de estabelecer e consolidar procedimentos para o treino e emprego do binómio de ação tática. E4</p> <p>Com base na minha experiência operacional, é evidente que os benefícios são sempre superiores aos inconveni-</p>
--	--

	<p>entes. E4</p> <p>O emprego do binómio cinotécnico é um multiplicador do potencial de combate para a força uma vez que aumenta a segurança e proteção da mesma, aumenta consideravelmente a capacidade de deteção de forças opostas e representa uma excelente opção para situações em que é necessário empregar uma força não letal. Os sentidos apurados de olfato, de audição e de visão do cão aumentam consideravelmente as o potencial para deteção da ameaça em diferentes cenários táticos, que é naturalmente benéfico para a força de combate.</p> <p>Por outro lado, os condicionantes para o seu uso dizem respeito a toda a logística inerente ao uso dos cães, nomeadamente no que diz respeito ao transporte, alimentação, transporte do material para alojamento do cão e material para cuidados veterinários. Além disso, exige uma alta frequência de treino do binómio cinotécnico em conjunto com as diferentes equipas táticas com que opera. E4</p> <p>PTL and Search MWDs can be equally effective in the urban environment, depending on what the key tasks are. PTL MWDs are proven to lower casualty rates of units fighting in built up areas. An Arms and Explosive Search (AES) dog can be used for site sensitive search. A vehicle search dog could be employed to set up Vehicle Checkpoints to hold ground at street level. E9</p> <p>Patrol MWDs can be integrated into assaulting/breaching teams during Urban Operations such as raid/strikes in order to deliver sub-lethal effects during dynamic entry into buildings. They can also enable the early detection of persons in hiding during night-time when situational awareness is most difficult or within a subterranean environment. We train with most forces if they request a MWD. Our primary users are the Infantry (including Paras and Commandos), and EODs teams. They will meet their team and give them a full brief on how the MWD can be used. It is then generally up to the combat force as to how the MWD will be best employed, depending on their tasks. E9</p> <p>We were deployed to Afghanistan in 2021 (Operation Pitting) To help move Afghan civilians calmly through the process to their new destination. We provided Patrol dogs on the south gate to help move the civilians from one location to the next where the next stage of processing would take place. They also assisted in keeping the crowds calm. Once at the booking area the civilians would have all their belongings searched by our Arms Explosives Search Dogs, before getting moved to the next destination. MWDs ‘hit the ground running’, were used almost immediately and were very effective. E9</p> <p>The use of dogs assists in the deterrence, detection and close-range neutralisation of armed individuals who may be protected by housing. The use of specialised detection teams may be considered in the LUB. If properly prepared and planned, canine assets deployed in an operation in an ABZ provide decisive support for safety and force protection (e.g. by avoiding exposure of combatants). In a more pronounced way in ZUB, they replace all the means that are unusable in this environment. The main benefit is time saving and the main limitation is to try to keep an eye on the dog but today, technology allows us to maintain contact with the dog even if it is no longer direct proximity to the handler. E10</p> <p>Central African Republic is no longer a theatre of operations assigned to 132 RIC since 2021. But when we were there, the main task was to protect the ammunition depot of M’POKO camp. MWD team was alone in the depot but in case of need, an infantry group was designed to reinforce MWD and help him to intercept a person. MWD in the disposal saves resources, time, and manpower. E10</p>
--	---

We are currently developing a multipurpose dog project. Starting from an intervention dog, training work is being carried out to give it the ability to detect explosives. The purpose of this project is that the canine intervention team can support the operations teams, giving them detection capacity, when approaching an objective, trapped entries and TEO operations. **E11**

The skills which are compatible with Urban Operations include intervention dogs and IED detection dogs. Integrated in Infantry Combat Forces our dogs can provide support in Urban Patrolling and in room-clearing. Our dogs also execute missions in the underground if necessary. **E11**

The main benefits we can obtain from the use of dog in this type of operations depend on the skill we choose. The IED detection dog increases the security of the force in its movement, by being able to detect booby traps, offers less exposure time for the unit, since that a reconnaissance from a Sapper unit usually has a longer duration. On the other hand, intervention dogs can support us both in clearing buildings against an entrenched enemy, assaulting enemy defensive positions and in the search for and neutralization of snipers, due to its capacity to confuse the enemy combatants. **E11**

Regarding the limitations of the use of canine units, it is important to understand that we train the MWD to operate in as many scenarios as possible. However, if a MWD encounters a new scenario in a real life situation it can freeze and not be able to work on the problem. We must also take into account that environmental conditions, high temperatures, concentration of dust in the environment, etc., can reduce the MWD capabilities. As I mentioned previously, the training of dogs is aimed at making them capable of carrying out their tasks in all types of operations. The MWD teams are trained to be used in airmobile operations including descent by fast rope or rappelling, Urban mobility surpassing all types of obstacles, Underground operations, low visibility scenarios, transport in different types of vehicles, etc. However, due to the lack of any type of protection, we can say that in NBQR operations, the canine resource is limited since exposure to this environment can mean its loss. **E11**

Little by little, the Units begin to use the canine resource in the operations assigned to them. Although it is true that some of them are reluctant to use them, due in part to their ignorance, it is part of our functions to demonstrate the real capabilities of the canine teams and help to integrate them into the different units. The integration of the canine team must be intensive, participating in all the activities of the Unit, knowing its protocols, making the Unit know and trust the abilities of the dog. When we are deployed to a certain theatre of operations, all the preparatory work of the team is oriented to what we will find there. The meteorological conditions of the place are studied, and the training is done so that the dog is able to operate in such conditions.

E11

As a canine handler I have deployed with two different specialties: as a Drugs and Narcotics Detection MWD team our mission was to prevent the consumption of said substances by deployed troops; as an IED Detection MWD team our mission was to provide support to the Infantry Forces and to the Base Security Unit. From my point of view, the team contributed by giving the Unit more reconnaissance capacity, without being a panacea, but rather avoiding the non-exposure of personnel in certain scenarios. On the other hand, and no less important, we must consider the moral aspect. Once the dog joins the Unit it became one of them and at certain moments of the operation it was a mental support for the personnel. As in any operation there were some diffi-

	<p>culties. When I joined the forces I was going to provide support to, they were not accustomed to the use of canine resources, so I had to start from scratch regarding the integration into their protocols. Once they knew their capabilities and needs the job was easier. On the other hand, certain logistical problems such as the tactical transport of the dog, accommodation in advanced bases were solved with a lot of imagination and with the help of the Unit I supported.</p> <p>The main lesson that I take from the different deployments is that it is essential to integrate the teams into the Units, that they get to know them and work on their normal training so that even if the MWD handlers are attached, all the work procedures are already developed and can be effective from the start. E11</p>
<p>PD4 - Quais as vantagens e limitações do emprego do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas na República Centro-Africana?</p>	<p>Quanto às vantagens destaco: à entrada de qualquer compartimento ou edifício o Cão é capaz de fazer a deteção caso detete a presença inimiga no compartimento, o que representa uma vantagem à força na qual o binómio estiver integrado; se necessário, o Cão está apto a perseguir e neutralizar elementos hostis com base em vestígios ou partículas que um dado indivíduo deixou num local; a presença do Cão provoca um efeito dissuasor para as forças inimigas; a presença de Cães Militares no seio de uma unidade militar contribui positivamente para a moral das tropas.</p> <p>Considero que existe apenas uma desvantagem que é o clima da RCA. As elevadas temperaturas que se fazem sentir, podem condicionar a atuação do cão no TO, na medida em que pode limitar o tempo de atuação do binómio cinotécnico sem necessitar de uma pausa. E1</p> <p>Neste momento não dispomos da capacidade para projetar equipas cinotécnicas para TO no estrangeiro. O principal obstáculo deve-se à falta de efetivo no PelCino e, conseqüentemente, à falta de recursos humanos e de tempo para realizar o treino dos binómios cinotécnicos a fim de os aprontar para a projeção e integração numa força de combate para o TO da RCA. E1</p> <p>Vantagens são: uma maior capacidade de deteção de Elementos Hostis, assim como a perseguição e neutralização dos mesmos; o reforço de segurança de área e perímetro, por exemplo a Bases de Patrulhas; aumento da proteção da força na execução de escoltas a altas entidades; apoio na proteção de infraestruturas importantes e o efeito dissuasivo nos Combatentes através da demonstração de força. E2</p> <p>Desvantagens diria que existem, sobretudo, a nível logístico dado que na atualidade esse apoio não está previsto e seria necessário fazer um levantamento nas necessidades a nível das infraestruturas necessárias para a manutenção do Cão no TO, rações a considerar para todo o empenhamento, apoio veterinário, material e equipamento de proteção para o Cão e condições para o Cão ser transportado nas viaturas táticas. Por outro lado, seria necessário averiguar se os nossos Cães seriam capazes de operar no clima da RCA. Contudo, e visto que os Franceses já fizeram uso de Cães na RCA, creio que não será impeditivo. E2</p> <p>As vantagens do binómio cinotécnico é ser mais uma capacidade ao dispor do Comandante da Força, pode ser empregue em todo o espectro das operações e pode apoiar qualquer tipo de unidade e especialidade para o cumprimento da missão. A desvantagem do seu emprego é o tempo de treino que deverá ter o binómio e o apoio logístico que acarreta esta tipologia de Força. E5</p> <p>O emprego e integração do binómio cinotécnico numa Força de Combate poderá ser uma mais valia dando ao</p>

	<p>Comandante da Força mais uma capacidade para cumprimento da missão. Saliento que existe constrangimentos para o emprego do binómio na República Centro Africana. O clima exigente poderá dificultar a adaptação dos cães de guerra aumentando o desgaste físico e consequentemente diminuir o tempo de capacidade para operar. Outro inconveniente é o transporte sobretudo nas projeções, ter-se-ia de adaptar uma viatura e planear um local para o cão na TOB (<i>Temporary Operating Base</i>). O apoio médico veterinário poderá ser outro inconveniente devido à escassez ou inexistência de meios e instalações por parte da MINUSCA para apoiar as equipas cinotécnicas, bem como a falta de capacidade de apoio clínico por parte da QRF/MINUSCA em que não está preconizado em QOP (Quadro Orgânico de Pessoal) qualquer militar responsável pelo apoio médico veterinário. E5</p> <p>A nível de vantagens destaco a proteção e segurança que o binómio cinotécnico confere à força. Além disso, confere mais agressividade e rapidez à Força de Assalto na condução das tarefas táticas a executar, nomeadamente na limpeza de áreas edificadas. Por outro lado, o emprego de uma arma não letal é sempre um complemento para o Comandante da Força, principalmente, em TO com regras de empenhamento restritas. No caso dos cães militares estes apresentam ainda sentidos bastante mais apurados que os humanos, assim como instintos básicos que fazem com que não tenham medo ou hesitem perante uma ameaça. São capazes ainda de auxiliar tarefas de busca e deteção de estupefacientes, explosivos, armamento e munições. E6</p> <p>Quanto aos inconvenientes, julgo que Teatros de Operações com condições climatéricas adversas condicionam negativamente o emprego do binómio cinotécnico. Além deste aspeto, as regras de empenhamento a respeitar nos diferentes ambientes operacionais condicionam a tomada de decisão dos comandantes e implica um conhecimento detalhado sobre o emprego do binómio cinotécnico para os diferentes graus de violência. E6</p> <p>A integração e emprego do binómio cinotécnico numa Força de Combate para o TO da RCA seria efetivamente uma mais-valia e um efeito multiplicador do potencial de combate.</p> <p>É pertinente referir que se preveem algumas alterações nas futuras missões da Força de Reação Rápida na MINUSCA, nomeadamente o foco no patrulhamento a áreas urbanas e a redução das projeções da Força por longos períodos. Deste modo, torna-se vantajoso o emprego do binómio cinotécnico no desempenho de tarefas em áreas urbanas, por exemplo: na segurança a infraestruturas importantes (aeroporto), na escolta a altas entidades ou nos patrulhamentos apeados. Caso se confirme que não haverá as projeções por longos períodos de tempo, evita-se aquele que considero representar um dos maiores inconvenientes para o emprego do binómio cinotécnico na RCA – o transporte dos cães em viaturas da Força em situações de calor extremo, que seguramente condiciona o estado físico e a prontidão operacional dos mesmos. E6</p> <p>Caso seja realizada a integração do binómio cinotécnico numa Força de Combate seria crucial para o Comandante entender como funcionaria o MEDEVAC em caso de ferimento do cão militar. E6</p> <p>Destaco as seguintes vantagens: na limpeza de compartimentos, daria um precioso incremento, pois o Canídeo não sente medo, como tal fomentaria velocidade na abordagem e possivelmente na imobilização do opositor; ainda na limpeza de compartimentos, a nível da abordagem quando esta realizada por janelas ou até mesmo seteiras a velocidade na entrada seria muito superior; o canídeo seria sempre um elemento intimidante para qualquer oponente; num cenário onde a ameaça explosiva é uma realidade, poderia ser usado na sua deteção; aquando tentativa de fuga por parte da ameaça, a utilização do canídeo permite uma perseguição e consequente</p>
--	--

	<p>imobilização sem recurso a armamento letal e não letal; no que concerne à segurança, o binómio empregue na segurança a TOB's ou até mesmo FOB's, são elementos dissuasores a possíveis intrusões, para além disso o canídeo opera como elemento de alerta aquando possíveis aproximações em zonas mortas ou não vistas. E7</p> <p>Quanto às desvantagens, somente a falta de transporte adequado para o Canídeo, ou seja as viaturas utilizadas na República Centro Africana para o cumprimento de Operações, não estão vocacionadas para o transporte de canídeos, logo o seu transporte teria de ser feito ao colo do seu tratador, o que iria limitar em muito as ações realizadas dentro da viatura por esse elemento, para não falar do desconforto incutido ao Binómio. E7</p> <p>Considero pertinente o emprego do binómio cinotécnico nas seguintes tarefas: segurança de área e perímetro, proteção da força, demonstração da força, busca e deteção de estupefacientes e explosivos, operações de cerco e busca, situações táticas que exijam a localização, neutralização e perseguição de indivíduos hostis. Além destas, é pertinente fazer o emprego do binómio cinotécnico em situações de close-quarters battle. E8</p> <p>A principal vantagem que encontro no emprego do binómio cinotécnico é a segurança e proteção que confere à força de combate, podendo até poupar vidas humanas. Pode ser vantajoso em situações que exijam a segurança do perímetro ou de pontos críticos, no apoio à força na entrada e limpeza de compartimentos, na capacidade de busca e deteção de estupefacientes e explosivos, assim como, a localização, perseguição e neutralização de indivíduos hostis. E8</p> <p>Por outro lado, existem alguns inconvenientes que condicionam o seu emprego. Em primeiro lugar, é necessário o Comandante da Força estar a par dos constrangimentos legais inerentes ao uso do binómio cinotécnico. As regras de empenhamento são uma preocupação constante para qualquer Comandante de Pelotão e numa situação tática que envolva combatentes e não combatentes, é crítico mitigar o risco de o binómio cinotécnico ferir os não combatentes. Por outro lado, existem implicações logísticas inerentes ao uso do binómio cinotécnico que, no caso do Exército Português, não estão previstas, nomeadamente no que diz respeito ao transporte dos cães, assim como em termos de constituição e flexibilidade das equipas. E8</p> <p>Enquanto Comandante de Pelotão, sem dúvida que é uma valência que deve ser considerada e constitui um efeito multiplicador do potencial de combate que qualquer força gostaria de ter à disposição do seu pelotão. Ainda assim, considero que existem alguns condicionantes no Exército Português que impedem a concretização desta medida. Existem implicações logísticas em termos de viaturas que não estão estabelecidas, assim como a falta de instrumentos doutrinários que respeitem ao emprego e integração do binómio cinotécnico numa Força de Combate. E8</p> <p>No caso do TO da República Centro-Africana a situação tem algum grau de complexidade. Numa situação em que tivesse de libertar um cão para perseguir um indivíduo tenho de estar ciente, além das implicações táticas dessa ação, das implicações legais que daí podem surgir. É necessário que haja um perfeito enquadramento do uso do binómio cinotécnico enquanto arma não letal a fim de salvaguardar quem toma decisões táticas, nomeadamente em TO com regras de empenhamento restritas. E8</p>
<p>PD5 - Como pode o Exército Português potencializar o uso do binómio cinotécnico no Combate em Áreas Urbanas?</p>	<p>A medida principal a adotar por parte do Exército Português seria, efetivamente, apostar no emprego e integração dos binómios cinotécnicos nos TO internacionais. A especialidade cinotécnica encontra-se mais do que validada por outros países e organizações, como é o caso dos franceses que empregaram equipas cinotécnicas na República Centro-Africana. No âmbito da projeção da 13ª FND para a RCA, surgiu a necessidade operacio-</p>

nal de integrar um módulo de engenharia para a realização de tarefas de *route clearance*. Com base na experiência e nos treinos que o PelCino conduziu com o RE n.º1, verificou-se que o binómio cinotécnico de deteção de explosivos é, indiscutivelmente, mais rápido a realizar a busca e deteção de explosivos do que uma equipa constituída por oito militares. Como tal, considero que haver uma sensibilização por parte do Exército Português para as reais possibilidades e mais-valias que a cinotecnia pode oferecer às missões da instituição. **E1**

Acima de tudo, deve haver uma sensibilização por parte do Exército Português para as capacidades da Cinotecnia. Existem várias lacunas no nosso Exército que devem ser colmatadas se queremos efetivamente fazer o emprego operacional do Binómio Cinotécnico nas missões do Exército Português, tais como: falta de instrumentos doutrinários que tratem o emprego dos binómios cinotécnicos no CAU, escassez de formações orientadas para a Cinotecnia no Exército Português; nos Exercícios Setoriais do Exército não existe um aproveitamento nem uso dos Cães Militares. **E2**

Proponho como medidas: um maior investimento na formação dos Binómios Cinotécnicos para o CAU; estabelecimento de Standards e TTP para o emprego e integração do binómio cinotécnico numa Força de Assalto no CQB; criação de um Guia do Comandante a fim de disponibilizar ao Comandante da Força de Assalto uma ferramenta que apoie à integração e emprego do binómio cinotécnico; permitir que os Tratadores tenham mais disponibilidade para a formação dos binómios cinotécnicos, em detrimento, de missões fora do âmbito da Cinotecnia; permitir que o Tratador de Cães seja acompanhado pelo Cão no cumprimento de todas as suas tarefas a fim de permitir um estreitamento da relação entre os mesmos. **E2**

Podemos tomar como bom exemplo de emprego operacional dos cães os Estados Unidos da América, uma vez que já comprovaram a eficácia do emprego dos binómios nos Teatros de Operações em que atuam e não perdem a oportunidade para os continuar a empregar. São uma referência no que diz respeito ao emprego operacional porque, tanto nas Forças Armadas como nas Forças de Segurança, utilizam os cães e os tratadores como um elemento distintivo nas missões que cada uma das Forças desenvolve. Exemplos disso são os tributos realizados em honra aos binómios cinotécnicos, as estátuas erguidas em memória a cães falecidos em combate e o investimento avultado vocacionado para a compra de bons cães e material de qualidade para os mesmos. O mesmo acontece em países da Escandinávia. **E3**

Nós apresentamos uma vulnerabilidade em relação a outros países, que é os cães estarem em canil. Uma medida que o GIC está a implementar desde há cinco anos, e que pretende que assim continue, é a possibilidade de os tratadores puderem levar os cães para casa. Esta medida visa a potencialização das capacidades cinotécnicas dos nossos binómios na medida em que estreita a relação entre tratador e cão, e melhora consideravelmente a qualidade de vida do cão. **E3**

No Exército Português considero que deve haver uma consciencialização sobre o que é que pretendem da valência da Cinotecnia, que tipo de cães militares pretendem ter ao seu dispor e em que situações efetivamente pretendem empregar os binómios cinotécnicos. Após a perfeita perceção das missões nas quais o binómio cinotécnico pode constituir uma mais-valia para a força em que está inserido, deve ser feito um investimento de forma a garantir a potencialização desta valência. Por outro lado, é necessário estabelecer quadros permanentes para operadores cinotécnicos, caso contrário, perde-se anualmente valiosos recursos humanos, assim como, todo o conhecimento e experiência destes especialistas. **E3**

	<p>A nível nacional, é necessário mudar a tendência a que estamos a assistir. Cada vez mais existe um desinvestimento na Cinotecnia e, apesar de termos bons operadores cinotécnicos e bons cães militares, é necessário investirmos nesta especialidade se o objetivo for a potencialização das nossas capacidades cinotécnicas. Neste sentido, considero pertinente incluir o curso de TCCC-K9 na formação do tratador cinotécnico uma vez que numa dada missão, seja de que âmbito for, os cuidados veterinários podem não estar à disposição em curto espaço de tempo. E nós operadores podíamos ter a capacidade de ajudar o nosso cão. A nível internacional, é imperativo procurarmos aprender com outras forças estrangeiras com mais experiência no âmbito da cinotecnia. A cooperação com forças internacionais garante uma entreajuda com vista à aquisição de novos conhecimentos e o desenvolvimento de novas táticas, técnicas e procedimentos. E4</p> <p>Na atualidade, considero que todas as Forças de Assalto devem integrar e empregar o binómio cinotécnico nas suas operações, nomeadamente na componente do CQB. O binómio cinotécnico reúne competências e capacidades específicas que já estão estudadas e validadas por forças nacionais e internacionais, portanto, creio que deve ser um investimento a ponderar por parte do Exército Português. E6</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria

ANEXOS

ANEXO A - ORGANOGRAMAS DAS UNIDADES CINOTÉCNICAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

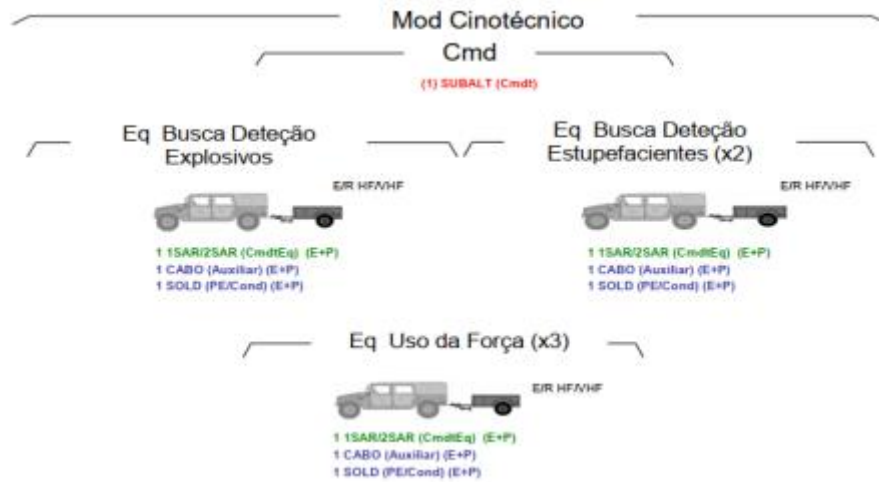


Figura Nº 5 – Organograma do ModCino

Fonte: Elaboração própria

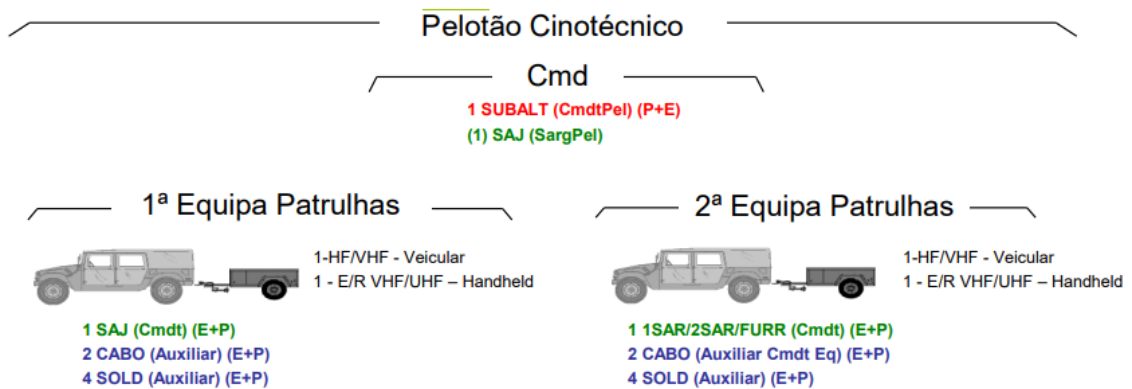


Figura nº 6 – Organograma do PelCino

Fonte: Elaboração própria

ANEXO B - TAREFAS CINOTÉCNICAS ATRIBUÍDAS AO CÃO DE GUERRA E CÃO DE POLÍCIA MILITAR

TIPO DE CÃO	ESPECIALIDADE DO CÃO/BINÓMIO	TAREFAS CINOTÉCNICAS ATRIBUÍDAS
Cão de guerra	Binómio Explorador	<ul style="list-style-type: none"> • Patrulhamentos apeados ou montados; • Proteção da força; • Limpeza de edifícios; • Recolha de informação e reconhecimento; • Resposta a alarme; • Busca e limpeza em áreas urbanas; • Busca e limpeza em túneis; • Busca e limpeza em compartimentos; • Busca e perseguição de indivíduos hostis; • Demonstração de força; • Detecção e busca de unidades/elementos hostis; • Vigilância de itinerários; • Vigilância móvel; • Vigilância fixa; • Segurança aos trens de unidades de combate; • Apoio a operações de cerco e busca; • Apoio a golpe de mão; • Apoio a emboscada; • Apoio às forças em guarda de flanco/avançada; • Apoio às forças em escalão de segurança; • Apoio às forças em escalão de exploração; • Apoio às forças de intervalo; • Apoio à segurança de forças em reserva; • Apoio ao treino;
		<ul style="list-style-type: none"> • Apoio a ação direta; • Apoio a reconhecimento especial; • Apoio a assistência militar; • Apoio a ação indireta; • Apoio a outras tarefas primárias; • Apoio na infiltração e exfiltração na área de operações por meios terrestres, marítimos ou aéreos; • Apoio ao reconhecimento e segurança afastada de uma zona de aterragem e/ou zona de lançamento de pessoal e/ou material; • Apoio ao reconhecimento de um aeródromo avançado não controlado ou uma área controlada de tráfego aéreo na cabeça-de-ponte aérea (área do objetivo de assalto); • Apoio no reconhecimento em profundidade, vigilância e/ou aquisição de objetivos em prol do escalão superior; • Apoio na execução de missões de combate para garantir isolamento da zona de aterragem e/ou zona de lançamento e segurança da força projetada, ou outras missões de ação direta em prol do escalão superior tal como <i>personal recovery</i>, em ambiente urbano ou outra tipologia; • Apoio na segurança de perímetro na execução de demolições e abatisses.
Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar	Binómio de Guarda	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de força; • Proteção da força; • Patrulhamentos apeados ou montados; • Segurança de áreas Urbanas; • Segurança de edifícios; • Segurança de compartimentos; • Proteção de bens e propriedade; • Segurança em postos de controlo de acesso; • Controlo de ordem pública; • Segurança de Infraestruturas Críticas; • Proteção de altas entidades ou alvos de elevado valor; • Segurança em perímetro; • Detecção e detenção de elementos hostis; • Escolta a prisioneiros, transporte de armamento e munições; • Segurança a infraestruturas aeroportuárias; • Vigilância móvel; • Vigilância fixa; • Apoio às Forças de Intervalo; • Apoio à segurança de forças em reserva; • Segurança aos trens de unidades de combate; • Apoio ao treino.
		<p>Cão de Sentinela (tarefa inerente ao binómio de guarda)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proteção de bens e propriedade; • Detecção de intrusos e sinalização; • Apoio ao treino; • Cão trabalha sozinho

Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar	Binómio de Detecção de Explosivos ²⁸	<ul style="list-style-type: none"> • Proteção da força; • Apoio à recolha de informação e reconhecimento; • Esclarecimento na ameaça de bomba; • Apoio à Limpeza de barricadas; • Apoio à Limpeza de edifícios; • Apoio à limpeza de áreas; • Busca de explosivos em controlo de acessos; • Busca de Explosivos em correspondência; • Busca de explosivos em volumes e bagagens; • Busca de explosivos em instalações; • Busca de explosivos em meios de transporte; • Busca de explosivos em <i>CheckPoints</i>; • Busca de Explosivos na projeção e retração de forças; • Apoio na busca de explosivos a entidades não militares que o solicitem; • Apoio ao treino.
Cão de Guerra E Cão de Polícia Militar	Binómio de Detecção de Armamento	<ul style="list-style-type: none"> • Proteção da força; • Busca de armamento em controlo de acessos; • Busca de armamento em volumes e bagagens; • Busca de armamento em instalações; • Busca de armamento em meios de transporte; • Busca de armamento em <i>CheckPoints</i>; • Busca de armamento na projeção e retração de forças; • Apoio à recolha de informação e reconhecimento; • Apoio ao combate ao tráfico de armamento; • Apoio na busca de armamento a entidades não militares que o solicitem; • Apoio ao treino.
Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar	Binómio de Detecção de Minas	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio à recolha de informação e reconhecimento; • Apoio à limpeza de instalações; • Apoio à limpeza de Itinerários; • Apoio à limpeza de áreas; • Apoio à abertura de brechas em campos de minas; • Apoio à limpeza de campos de minas; • Apoio ao treino.
CÃO DE POLÍCIA MILITAR	Binómio de Detecção de Estupefacientes ²⁹	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio à investigação criminal; • Apoio à recolha de informação e reconhecimento; • Busca de estupefacientes em controlo de acessos; • Busca de estupefacientes em correspondência; • Busca de estupefacientes em volumes e bagagens; • Busca de estupefacientes em instalações; • Busca de estupefacientes em meios de transporte; • Busca de estupefacientes em <i>CheckPoints</i>;
		<ul style="list-style-type: none"> • Busca de estupefacientes na projeção e retração de forças; • Apoio na busca de estupefacientes a entidades não militares que o solicitem; • Apoio ao programa para a prevenção e combate à droga e alcoolismo nas Forças Armadas; • Apoio ao treino.
Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar	Binómio de Busca e Salvamento	<ul style="list-style-type: none"> • Busca e salvamento em escombros; • Busca e salvamento em terras ou lamas; • Busca e salvamento em avalanches; • Busca e salvamento em cursos de água; • Busca de pessoas desaparecidas; • Apoio a operações de combate segurança da área da retaguarda; • Apoio a entidades não militares que o solicitem; • Apoio ao Treino.
Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar	Binómio de Demonstração de Capacidades e/ou Cinoterapia	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação das Forças Armadas; • Apoio social; • Apoio ao treino.

Figura N° 7 – Tarefas Cinotécnicas atribuídas ao Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar

Fonte: (EP, 2020)

ANEXO C - TAREFAS PRIMÁRIAS E FINALIDADES DAS DIFERENTES TIPOLOGIAS DE OPERAÇÕES

Operações Ofensivas	Operações Defensivas
<p>Tarefas Primárias</p> <ul style="list-style-type: none"> • Marcha para o contacto. • Ataque. • Golpe de mão. • Exploração. • Perseguição. • Finta. • Demonstração. • Reconhecimento em força. • Emboscada. • Rotura de cerco. <p>Finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conquistar terreno decisivo; • Obter informações; • Privar o inimigo de recursos; • Iludir ou desviar a atenção do inimigo da área de realização do esforço; • Fixar as forças inimigas; • Obter iniciativa; • Desorganizar a ação ofensiva do inimigo; • Deslocalizar ou isolar o inimigo; • Criar condições para a condução de uma <p>Tarefas de Transição</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer um ambiente seguro e estável. • Apoiar o restabelecimento da segurança pública. • Apoiar a governação e o desenvolvimento • Restabelecer serviços essenciais. • Apoiar a recuperação e desenvolvimento de infraestruturas. <p>Finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar um ambiente seguro. • Estabelecer áreas seguras. • Satisfazer as necessidades básicas da população. • Obter apoios para o governo da HN. • Moldar o ambiente para permitir às autoridades da nação hospedeira e às organizações civis, desenvolver as suas atividades com sucesso. 	<p>Tarefas Primárias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Defesa móvel. • Defesa de área. • Operações retrógradas. <ul style="list-style-type: none"> – Retardamento. – Rotura de Combate. – Retirada. <p>Finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Provocar o insucesso do ataque do inimigo desgastando a sua capacidade ofensiva; • Manter a posse do terreno e impedir o seu controlo por parte do inimigo; • Ganhar tempo; • Economizar forças de modo a permitir a sua concentração noutra local; • Forçar o inimigo a concentrar forças, ficando mais vulnerável aos fogos amigos. <p>Tarefas de Transição</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apoio na prevenção e resposta a acidentes graves ou catástrofes. • Apoio na satisfação das necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida das populações. • Apoio na resposta a acidentes graves/incidentes NBQR-E. • Apoio a autoridades civis e Forças e Serviços de Segurança no restabelecimento ou na manutenção da Lei e Ordem. • Outros apoios específicos. <p>Finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Salvar vidas. • Restabelecer serviços essenciais. • Melhorar a qualidade de vida das populações. • Manter ou restabelecer a lei e ordem. • Proteger infraestruturas e património. • Manter ou restabelecer as capacidades da administração civil. • Moldar o ambiente para facilitar o sucesso das atividades das autoridades civis.

Figura nº 8 – Tarefas Primárias e Finalidades das diferentes Tipologias de Operações
Fonte: (EP, 2012)